

- sócio, trabalhando e recebendo parte do produto de seu trabalho em gêneros ou em dinheiro.
2. Incremento das hortas, jardins e janelas floridas nas casas dos sócios.
 - a) É dever de todo sócio ter em sua casa uma horta, um jardim e uma janela florida.
 3. Comemoração do dia da árvore.
 4. Comemoração da principal cultura ou criação local.
 - a) Isso não importa, é lógico, em fomentar a monocultura, uma vez que desenvolver a policultura é objetivo fundamental das atividades dos clubes agrícolas.
 5. Comemoração do dia da "saúva".
 - a) Dia simbólico de extinção dessa praga, em que se devem empenhar a escola e a comunidade.
 6. Arborização das praças e estradas locais.
 7. Palestras sobre assuntos dietéticos e demonstrações práticas a êsse respeito.
 8. Organização de um museu e de uma biblioteca ruralistas.
 9. Combate às queimadas, derrubadas, pragas, etc.
 10. Excursões a propriedades rurais de reconhecida eficiência em seus processos.
 11. Instalação de sementeiras.
 12. Prática de colheita, poda, combate a pragas, etc.
 13. Fabricação de utensílios domésticos ou de objetos de adorno com materiais da própria região.
 14. Consêrto de ferramentas ou de qualquer outro material do clube.
 15. Arranjo ornamental da escola.
 16. Organização da merenda escolar com os produtos do próprio clube.
 17. Concurso de canteiros, janelas floridas, hortas,

de vasos com plantas ornamentais, de espécimens de criação, etc.

IV) *Registro no Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura*

A) Qualquer clube agrícola pode registrar-se nesse Serviço.

1. Para isso deve preencher o Boletim de Inscrição.

a) Por meio de carta a êsse serviço o professor responsável o conseguirá.

B) Uma vez registrado, o clube receberá um número e passará a receber, em parte, o material agrícola de que necessitar.

C) Para que isso se processe, há necessidade de que o clube satisfaça umas tantas exigências.

1. Enviar relatório semestral de suas atividades, com documentação fotográfica, quando possível.

2. Enviar tôda a correspondência ou pedido de material identificando o clube pelo número (o nome não importa perante o M.A.).

V) *Entrosamento com as atividades de classe*

A) As atividades do clube fornecem amplo conteúdo às aulas.

1. Redação de cartas, relatórios, observações, fichas dos exemplares do museu, etc.

2. Sistema métrico (medição das terras, dos canteiros, dos talhões); cálculo com dinheiro, percentagem, desconto, lucro e perda (proveniente das vendas dos produtos); frações, etc.

3. Estudo dos vegetais e animais, das estações do

- ano, épocas de plantio e colheita, condições do solo, germinação, etc.
4. Estudo histórico e geográfico da região; influência das condições ambientais na vida do povo; meios de comunicações, etc.
 5. Higiene individual e coletiva; hábitos de alimentação; necessidade do banho diário após o trabalho do campo, etc.; higiene da vida rural, etc.

VI) *Entrosamento com as demais instituições complementares da Escola*

- A) A merenda escolar organizada com os recursos do próprio clube.
- B) O museu escolar tomando um caráter acen-tuadamente ruralista.
- C) O Clube de Saúde funcionando com forte sentido socializador, com atividades intensas de informação sanitária à própria comunidade.
- D) O Círculo de Pais e Professôres funcionando efetivamente, no sentido de resolver dificuldades da escola.
- E) A biblioteca escolar especializada em assuntos rurais franqueada à população.
- F) Tôdas as demais instituições funcionando nesse mesmo ritmo.

VII) *O problema dos escolares desajustados e os clubes agrícolas*

- A) Estudos modernos de psicologia apontam-nos o trabalho com a terra como um excelente meio de recuperação de indivíduos desajustados.
 1. Nas crianças cujos problemas de conduta não assumem, via de regra, um caráter tão grave quanto na adolescência, a recuperação é bastante fácil por êsse meio.

- a) Pelas oportunidades de trabalho manual que oferece.
- b) Pelas características de trabalho ao ar livre.
- c) Pe'o trabalho em equipe, que mais que qualquer outro leva à compreensão do bônomo deves-direitos.
- d) Pelas oportunidades de expansão de energia que oferece.

VIII) *Os clubes agrícolas e o problema do aproveitamento das horas de lazer dos estudantes.*

- A) Nas atividades correlatas em sua própria casa.
 1. Hortas, janelas floridas, sementeiras, etc.
 2. Preparo de trabalhos ornamentais para o próprio lar ou para a escola.
 3. Colocação dos produtos do clube em feiras, mercados estabelecimentos, etc.

IX) *Vantagens de um trabalho rural desenvolvido nessas bases*

- A) Formação nas novas gerações de uma mentalidade ruralista renovada.
 1. Como consequência, fixação do homem ao seu "meio".
- B) Transformação gradativa dos métodos rotineiros de trabalho em outros de caráter científico.
- C) Formação do caráter do educando dentro de um sentimento nitidamente social.
- D) Melhoria gradativa das condições sociais do meio.

Tópicos para estudo

- I — Planeje as linhas gerais de organização de uma escola rural de molde a transformá-la em um verdadeiro centro social rural.

II — Planeje a organização de um museu escolar rural.

III — Se lhe fôsse dado organizar um programa para as diversas séries da escola primária rural, como o elaboraria? Discrimine os diferentes assuntos das diferentes matérias que você preferiria, sua dosagem e distribuição através das séries.

IV — Planeje o currículo de uma escola normal rural.

V — Organize uma biblioteca de livros básicos que possam servir ao sócio do clube agrícola e bem assim a seus pais, para o trabalho do campo.

VI — Se já dirigiu alguma vez um clube agrícola, faça um relatório sucinto das dificuldades que encontrou, quais as que conseguiu vencer e como.

VII — Faça uma relação das exigências de caráter material (equipamento, instalações, etc.) que julga indispensáveis do bom funcionamento de uma escola rural.

VIII — Se lhe fôsse dado dirigir uma escola rural por que atividade começaria?

BIBLIOGRAFIA

- Publicações especializadas do Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura.
 CRUZ, Noêmia S. Matos (I.N.E.P.) — Educação Rural.
 FLEURY, Renato S. (I.N.E.P.) — Educação Rural.
 CARNEIRO LEÃO — Pela Educação Rural.
 GONZAGA DE CAMPOS — Campo florestal do Brasil.
 ANDRADE Humberto — Pela agricultura nordestina.
 AMARAL FONTOURA — Aspectos da Vida Rural Brasileira.

§ 114) FEDERAÇÃO DOS CLUBES AGRÍCOLAS DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Estatutos dos Clubes Agrícolas Escolares de Pernambuco

Capítulo I

Fundação — Sede — Área de ação

Art. 1.º — Sob a denominação de fica fundado pelos alunos do o Clube Agrícola Escolar n.º que funcionará neste estabelecimento de ensino localizado em e será orientado e assistido pela FEDERAÇÃO DOS CLUBES AGRÍCOLAS ESCOLARES DE PERNAMBUCO (F.C.A.E.P.).

Art. 2.º — A sede do Clube Agrícola Escolar (C.A.E.) ficará situada no edifício escolar onde funcionará a instituição.

Art. 3.º — A área dos Clubes Agrícolas estender-se-á até as residências dos sócios.

§ 1.º — Em cada quintal de casa deverão ser executadas as atividades agrárias realizadas na Escola, que serão submetidas à fiscalização do C.A.E.

§ 2.º — O aluno sócio não dispondo de terreno para a plantação em sua residência, poderá solicitá-lo à Diretoria, na área da Escola.

Capítulo II

Finalidade

Art. 4.º — O C.A.E. — tem por finalidade:
 a) Incutir na consciência de seus sócios o amor

à terra, o sentimento da nobreza das atividades agrícolas e a idéia do seu valor econômico e patriótico.

- b) dignificar o trabalho manual, elevar e engrandecer a profissão do lavrador.
- c) ensinar praticamente o valor da terra e o seu aproveitamento racional, estimulando no sócio a criação de hábitos de trabalho, de iniciativa e de colaboração.
- d) desenvolver o espírito de cooperativismo na escola, na família e na coletividade.
- e) formar e criar hábitos de economia.
- f) melhorar o habitat rural.
- g) fazer propaganda dos hábitos e noções necessárias à preparação da consciência sanitária.
- h) atender aos problemas de moral, civismo, religião e felicidade.
- i) desenvolver atividades recreativas, sociais e culturais capazes de elevar o nível de vida da população a que servir.
- j) procurar atrair para seu ambiente, pessoas da localidade, contagiando-as de sãos princípios, hábitos honestos e civismo.
- l) proteger os animais e as plantas.
- m) trabalhar pelo reflorestamento, preparando viveiros, que forneçam mudas aos sócios.
- n) fazer com que cada clubista fique identificado com as atividades, os propósitos e o ideal de seu Clube para assim formar um grupo social homogêneo.

CAPÍTULO III.

Diretoria e seus deveres

Art. 3.º — O C.A.E. deverá ser dirigido pelos próprios alunos para que se habituem à compreensão do

que é responsabilidade sob a orientação da superintendente do Clube.

Art. 6.º — Os sócios elegerão, em fevereiro, uma diretoria com mandato por um ano.

§ único — As eleições para membros da diretoria poderão ser simbólicas ou por aclamação.

Art. 7.º — A diretoria será composta, exclusivamente, de alunos e constituir-se-á:

- a) um presidente
- b) um vice-dito
- c) um secretário
- d) um vice-dito
- e) um tesoureiro
- f) um vice-dito.

§ 1.º — Para melhor controle do serviço do C.A.E., o presidente tomará a iniciativa de organizar um conjunto de administradores junto às secções existentes no Clube:

- a) administrador da secção de avicultura
- b) administrador da secção de horticultura
- c) administrador da secção de pomicultura
- d) administrador da secção de jardinocultura
- e) administrador da secção de pequenas indústrias rurais, etc.

§ 2.º — São atribuições dos administradores, cada um na secção correspondente:

- a) fazer todo o movimento de vendagem e de compra da secção que lhe conferir.
- b) organizar o LIVRO DE APONTAMENTOS.
- c) anotar as FICHAS DE TRABALHO dos sócios e entregar a relação das mesmas, mensalmente, ao secretário.
- d) verificar se as plantações ou criações dos sócios, estão de acôrdo com os compromissos que êstes assumiram.
- e) acompanhar o desenvolvimento das atividades dos sócios, através de suas FICHAS DE TRABALHO.

- f) provocar debates sôbre sugestões e projetos que forem apresentados.
- g) solicitar auxílio da diretoria tôdas as vêzes que os sócios do Clube necessitarem do mesmo para bom andamento do serviço.
- h) verificar o trabalho dos sócios do Clube em suas residências.
- i) fazer a leitura do movimento mensal, na reunião do C.A.E.

§ 3.º — Os administradores serão eleitos entre os sócios de 5.^a e 4.^a séries.

Art. 8.º — Compete ao presidente:

- a) presidir à sessão do Clube Agrícola, assinando a ata da sessão anterior, após a sua aprovação;
- b) representar o Clube quando houver ocasião;
- c) autorizar e aprovar as deliberações tomadas;
- d) promover iniciativas úteis;
- e) apresentar um relatório mensal de atividades do C.A.

§ único — O presidente será eleito entre os alunos da 5.^a série.

Art. 9.º — Compete ao secretário:

- a) lavrar as atas das sessões;
- b) ler as atas das sessões anteriores para aprovação ou emendas;
- c) fazer a correspondência, arquivando sempre uma cópia.
- d) ter sob sua guarda o livro de atas das sessões, de correspondência e de arquivo do Clube;
- e) organizar e verificar o livro de Registro dos sócios;
- f) colecionar os trabalhos lidos pelos sócios nas reuniões;
- g) anotar as fichas de trabalho de acôrdo com as informações dadas pelos administradores;

§ único — O secretário será eleito entre os alunos da 4.^a série.

Art. 10 — Compete ao tesoureiro:

- a) ter sob a sua guarda tôdas as importâncias destinadas ao Clube Agrícola, escriturando-as devidamente;
- b) ter sempre em dia, tanto o livro de escrituração como os valores em dinheiro.
- c) apresentar anualmente, nas sessões, um balançete das atividades financeiras;
- d) providenciar sôbre as despesas propostas e aprovadas pela diretoria;
- e) apresentar um balanço geral no fim do ano letivo.

§ único — O tesoureiro será eleito entre alunos da 4.^a série.

CAPÍTULO IV

Dos sócios

Art. 11 — Poderão ser sócios do Clube Agrícola:

- a) os alunos
- b) os professôres
- c) pessoas interessadas.

Art. 12 — Serão sócios do C.A.E. todos os alunos do Grupo ou da Escola que assinarem livro de REGISTRO DOS SÓCIOS e assumirem o compromisso de obediência aos estatutos do Clube.

Art. 13 — Serão sócios do Clube Agrícola todos os professôres e pessoas interessadas, desde que se comprometam a colaborar junto aos sócios alunos, incentivando-os nos trabalhos agrícolas.

Art. 14 — Os ex-alunos da Escola ou Grupo, também poderão continuar como sócios, desempenhando as atividades agrícolas, em pequenos núcleos — CLUBES DE VOLUNTÁRIOS — que receberão a mesma assistência e orientação do Clube a que se tiver filiado.

Art. 15 — São deveres do sócio aluno:

- a) plantar, criar e dedicar-se a tôdas as atividada-

- des do C.A.E. tanto na escola como em sua residência;
- b) ser ótimo colaborador em todos os empreendimentos do Clube;
 - c) colaborar em tôdas as iniciativas promovidas pelo presidente do Clube;
 - d) comparecer e participar com as suas sugestões às reuniões do Clube;
 - e) ler, por ocasião das sessões do Clube, trabalhos escritos sôbre as próprias atividades, assim como tomar parte nos programas recreativos que forem organizados;
 - f) fazer uma FICHA DE TRABALHO com desenho da planta ou da criação e anotações de tudo que fôr observado e estudado;
 - g) guardar as FICHAS DE TRABALHO em pastas destinadas para êsse mister, sendo-lhes, os referidos trabalhos entregues no fim do ano;
 - h) zelar pelos interêsses do C.A.E. e ter em sua casa, pelo menos, uma porção de terras cultivadas;
 - i) registrar no C.A. as atividades realizadas em casa;
 - j) proteger e tratar com carinho os animais e plantas;
 - l) plantar, pelo menos, uma árvore em cada ano;
 - m) possuir e zelar pela sua caderneta "TÍTULO DE SÓCIO", que lhe será concedida, por ocasião do seu registro;
 - n) conhecer as finalidades do Clube Agrícola Escolar;
 - o) não recear dificuldades e enfrentá-las com ânimo e coragem;
 - p) prestar serviço, com entusiasmo, e boa vontade, sempre que haja necessidade;

§ único — Aos sócios que mais se destacarem em suas atividades agrícolas, quer na escola ou residência, o C.A.E. premiará da maneira que julgar conveniente.

CAPÍTULO V

Da superintendência do Clube

Art. 16 — O Clube Agrícola funcionará sob a responsabilidade de uma professora — A SUPERINTENDENTE DO CLUBE.

Art. 17 — São atribuições da superintendente:

- a) orientar tôdas as atividades do Clube;
- b) assistir à diretoria em seus trabalhos;
- c) dar aulas às turmas de sócios, estimulando-as às atividades agrícolas na escola, e nas residências;
- d) assistir às reuniões;
- e) fiscalizar todo o movimento do Clube;
- f) animar as instituições anexas ao Clube;
- g) apresentar um BOLETIM DE CAMPO, no qual anotarás as equipes de sócios em serviço, as operações, rendimentos, horário, etc., e que será fixado, diariamente, em lugar destacado, para apreciação dos interessados;
- h) guardar a renda que lhe fôr entregue pelo tesoureiro;
- i) manter intercâmbio com a FEDERAÇÃO DOS CLUBES AGRÍCOLAS ESCOLARES DE PERNAMBUCO, remetendo, mensalmente, tôdas as informações sôbre o movimento e situação do Clube, trabalhos dos alunos, fotografias, etc.
- j) enviar o relatório anual do Clube Agrícola, à Federação;
- m) apresentar, em novembro, o plano de trabalho para seu Clube, no ano seguinte;
- n) participar da grande reunião anual de tôdas as superintendentes do C.A.E., com o objetivo de um entendimento sôbre os trabalhos, difi-

- culdades, realizações, sugestões que permitam mais dinamismo às finalidades do C.A.E.;
- o) fomentar as relações entre a escola e a família, despertando o interesse pelo Clube e a compreensão de sua finalidade.
 - p) procurar estabelecer, em harmonia com as atividades do C.A.E., pequenos cursos de costura e indústria caseiras, destinadas às moças ou senhoras da localidade.

§ 1.º — Na impossibilidade da permanência da superintendente no estabelecimento, durante o horário dos turnos existentes, a diretora do mesmo providenciará para que tôdas as classes alternadamente, se movimentem para o campo, acompanhadas de suas respectivas professoras, a fim de receberem das mesmas, aulas práticas de agricultura e criação.

§ 2.º — A superintendente do C.A.E. dará orientação geral às professoras, nas referidas aulas de acôrdo com a campanha do mês ou o programa em vigor.

CAPÍTULO VI

Atividades do Clube Agrícola

Art. 18 — As atividades agrícolas deverão estar intimamente relacionadas às demais disciplinas da escola;

§ único — A execução de todo o trabalho deverá ser confiada a grupos de sócios — equipes — auxiliadas pela professora de classe.

Art. 19 — Cada classe receberá, semanalmente, meia hora de aula prática sôbre lavoura e criação, segundo horário previamente fixado pela direção do estabelecimento;

Art. 20 — Cada classe, semanalmente, terá o seu **DIA DAS ATIVIDADES RURAIS**, reservado à prática de pequenas indústrias rurais, economia doméstica, etc.

Art. 21 — As atividades agropecuárias do C.A.E. serão de três naturezas:

- a) PLANTAÇÃO (flôres, hortaliças, frutas, etc.).
- b) CRIAÇÃO (aves, abelhas, bicho da sêda, pequenos animais domésticos, etc.).
- c) PEQUENAS INDÚSTRIAS (conservas, doces, aproveitamento das matérias primas encontradas na região — bambu, palha de milho, bucha, fibras, madeiras, côco, para a confecção de objetos de uso caseiro).

§ único — O C.A.E. difundirá os preceitos da alimentação como base da boa saúde.

Art. 22 — O C.A.E. seguirá:

- a) as deliberações da professora superintendente;
- b) dos programas que lhes forem remetidos pela direção geral;

Art. 23 — O C.A.E. procurará organizar uma modesta **CANTINA ESCOLAR** que manterá, com parte da sua renda, subvenções de autoridades locais e auxílio dos amigos do Clube.

Art. 24 — O C.A.E. realizará as campanhas mensais determinadas pelo F.C.A.E.P. e outras de iniciativa dos sócios;

Art. 25 — O C.A.E. promoverá:

1. excursões, concursos, torneios, horas de história, feiras, exposições, gráficos, intercâmbio, museu, diversões sadias, de acôrdo com o meio e as necessidades do momento;
2. organização das semanas:
 - a) de combate aos insetos nocivos;
 - b) idem às plantas daninhas;

- c) idem às pragas da lavoura e criação;
- d) proteção aos animais e plantas úteis;
- e) flagelos da zona rural;
- f) combate às formigas.

Art. 26 — O C.A.E. incentivará a fundação de instituições tais como, cooperativa escolar, pequena cantina escolar, biblioteca, clube de leitura, auditório, pelotão de saúde, clube desportivo, clube artístico, etc. nos limites de sua possibilidade.

Art. 27 — O C.A.E. procurará atrair para seu ambiente os moradores da localidade, favorecendo a sua participação nas atividades dos sócios.

Art. 28 — O C.A.E. comemorará:

- a) DIA DA PÁTRIA — (7 de setembro);
- b) DIA DA ÁRVORE — (21 de setembro)
- c) DIA DO CLUBE AGRÍCOLA (data de fundação de cada Clube).
- d) DIA DA CULTURA REGIONAL (data do encerramento da mesma campanha).
- e) DIA DA NATUREZA — (4 de outubro)
- f) DIA DA CRIANÇA — (12 de outubro)
- g) DIA DA FAMÍLIA
- h) De acordo com a atividade do momento, as festas:

- 1) do milho
- 2) das flôres
- 3) das abelhas
- 4) das hortaliças
- 5) das fruteiras
- 6) das aves
- 7) do tomate
- 9) do algodão
- 8) da cana de açúcar

- 10) do coqueiro
- 11) do plantio
- 12) da colheita, etc.

Art. 29 — O C.A.E. receberá visitas e conselhos da responsável pelo setor de fiscalização e orientação rural.

Art. 30 — O C.A.E. encerrará o ano letivo, com uma exposição geral e feira dos produtos colhidos e criados pelos sócios.

CAPÍTULO VII

Instalação e material

Art. 31 — Os C.A.E. devem possuir, observadas as características e possibilidades da região:

- a) jardim, pequena horta, pequeno pomar;
- b) pequeno campo de cultura regional e pequeno parque florestal;
- c) criação de animais domésticos;
- d) equipamento para prática de pequenas indústrias rurais e artes populares;
- e) ferramentas em geral;
- f) livros de atas, registros de sócios, livro "CAIXA", para o tesoureiro, de apontamentos para os administradores, de registro das atividades agrícolas domiciliares;
- g) Caderneta "TÍTULO DE SÓCIO";
- h) colecionador das fichas de trabalho dos sócios;
- i) fichários para comprovantes das transações e para arquivos dos compromissos dos sócios;

§ único — Poderá ser organizado um canteiro "A FARMÁCIA", destinado ao cultivo de plantas medicinais (hortelã, salsa, capim santo, cidreira, etc.).

CAPÍTULO VIII

Reuniões

Art. 32 — O C.A.E. terá as suas reuniões no último sábado de cada mês.

§ 1.º — As reuniões terão lugar, de preferência, ao ar livre, sob a sombra das árvores.

§ 2.º — As reuniões terão duração mínima de trinta (30) minutos.

Art. 33 — Nas reuniões do C.A.E. haverá uma parte literária e uma parte recreativa;

§ único — Nas reuniões será reservada uma parte para apresentação e discussão das dificuldades, sugestões, iniciativas dos sócios em suas atividades agrárias;

Art. 34 — Haverá reuniões extraordinárias em dias especiais.

Art. 35 — Mensalmente, ou quando se fizer necessário, reunir-se-ão a diretoria e os administradores para discutirem as sugestões apresentadas pelos sócios, tomando as deliberações necessárias.

CAPÍTULO IX

Renda

Art. 36 — Os produtos do trabalho no C.A.E. que não forem aproveitados na alimentação dos escolares, serão vendidos, revertendo a favor do Clube, a importância apurada;

§ único — A vendagem ficará a cargo dos administradores em suas respectivas secções.

Art. 37 — Toda a renda será entregue, semanalmente, ao tesoureiro.

Art. 38 — Os lucros do C.A.E. serão empregados da forma seguinte:

- a) 50% para Caixa Escolar
- b) 20% para fundo de reserva
- 30% para atender as necessidades do próprio Clube.

§ único — O C.A.E. ainda auxiliará a pequena cantina escolar.

CAPÍTULO X

Disposições Gerais

Art. 39 — O C.A.E. será classificado pela F.C.A.E.P. em cotação — ÓTIMA — BOA — REGULAR — ou PÉSSIMA — de acôrdo com o desenvolvimento de suas atividades e interesse de seus sócios, que lhe permitirá a inclusão ou exclusão no QUADRO DE HONRA.

Art. 40 — A eleição da diretoria será realizada no segundo sábado do ano escolar.

Art. 41 — O C.A.E. fará o encerramento dos trabalhos no último sábado do ano letivo.

Art. 42 — Os cargos vagos serão imediatamente preenchidos em reuniões extraordinárias.

Art. 43 — Os casos não previstos neste Estatuto serão resolvidos em reuniões extraordinárias do C.A.E.

§ 115) O CLUBE DA NATUREZA E O MUSEU

De acôrdo com o nosso princípio de que "a escola é dos alunos", tudo dentro dela deve ser realizado com as crianças, e, se possível, pelas crianças. Mais que isso: pelas crianças agrupadas, reunidas em Instituições Sociais.

Assim, o Museu Escolar não deve mais continuar sendo aquela instituição estática, parada, morta, onde se amontoam objetos raros e exóticos, um armário por onde os alunos passam sem olhar.

Se a Biblioteca Escolar passa a integrar o Clube de Leitura, a fim de receber dinamização e vida, assim também o Museu Escolar deve integrar uma nova Instituição Social da escola: o *Clube da Natureza*.

A finalidade desse Clube, que também poderia chamar-se *Clube das Ciências*, é dar vida à cadeira de Ciências Naturais, na escola primária, assim como o objetivo do *Clube de Leitura* é vivificar a cadeira de Linguagem, e o do *Centro Cívico* dar vida à cadeira de História.

Assuntos referentes a Zoologia, Botânica, Mineralogia, Física, Química, etc. deverão, portanto, ser levados a efeito através de atividades, trabalhos, experiências e excursões do *Clube da Natureza*.

Acompanhando esse processo de *dinamização* da escola, o Museu, como seção ou órgão do Clube da Natureza, deve abrigar as seguintes categorias de objetos:

a) *Objetos típicos da região* — Em vez de guardar objetos raros, que o professor obteve na Europa ou no Amazonas, a primeira finalidade do Museu é ser *regional*, isto é, apresentar cousas típicas da agricultura, da indústria, do comércio, do folclore, da cultura predominantes na região onde se situa a escola.

b) *Trabalhos dos alunos* — Em segundo lugar, ficarão expostos no Museu os trabalhos realizados pelos alunos na escola, isto é, objetos confeccionados em madeira, lata, papelão, massa plástica, côco, bambu, chifre, palha, etc., como ilustração e concretização das aulas de Linguagem, Matemática, Ciências Sociais e Ciências Naturais.

c) *Objetos raros* — Sòmente em terceiro lugar, e como complemento, deve o Museu ostentar cousas raras, trazidas por visitantes, ou enviadas pelas repartições públicas.

É princípio importante que os objetos do Museu sejam trazidos *pelas crianças*, ou recolhidos por estas durante as excursões escolares. E que sejam manuseados, estudados, discutidos, antes de entrarem para as

prateleiras do museu. Cada objeto deve ter “uma história”, apresentar uma significação para os alunos.

§ 116) CÍRCULO DE PAIS

Entre as Instituições Sociais da escola uma das mais importantes e das menos difundidas no Brasil é o “Círculo de Pais e Mestres”, ou simplesmente “Círculo de Pais”.

Sua função é das mais sérias: serve como traço-de-união entre as duas instituições básicas da sociedade: a Escola e a Família. Ambas se completam. A Escola foi criada para trabalhar junto com a Família na educação da criança.

Não esqueçamos este princípio: *a escola ideal deve ser a continuação do lar ideal*. O professor, sobretudo o professor primário, tem que ser um segundo pai. A mestra é uma segunda mãe. Se não tiver pelos seus meninos amor e carinho, não será jamais boa mestra. E até quando ralar ou punir deve fazê-lo como a mãe: sem ódio nem rancor, pensando não em *castigar*, mas em *melhorar* a criança.

Por tudo isso deve ser íntima e indissolúvel a articulação entre o lar e a escola. E o instrumento dessa articulação é o Círculo de Pais e Mestres.

— Como explicar, então, o seu baixo rendimento, quase fracasso, no Brasil?

Em primeiro lugar, porque o brasileiro é um povo terrivelmente individualista; não tem ainda *espírito de comunidade*, não possui o *hábito social* de trabalhar junto, não tem espírito de equipe.

Justamente para vencer tal vêzo antigo é que o Círculo de Pais e Mestres precisaria assumir grande papel, tornar-se dinâmico, conquistar os pais.

Mas aqui entra a segunda causa do seu baixo rendimento: é que os Círculos de Pais tem sido mal organizados, mal compreendidos, mal conduzidos. De regra

geral (salvo as honrosas exceções), as reuniões dos Círculos são enfadonhas, com leitura de ata, discussões sobre assuntos burocráticos e apresentação de queixas recíprocas.

Os professôres aproveitam a presença dos pais para reclamarem que êstes não obrigam as crianças a estudarem em casa, não lhes dão apoio, e, muitas vêzes, ainda os desprestigiam perante os filhos. Os pais, em revide, se queixam de que os professôres não ensinam direito, não "ligam" para as aulas, faltam muito...

É claro que tais reuniões são aborrecidas. Não admira que a partir da segunda ou terceira, contem apenas com a presença da Diretoria do Círculo e da diretora da escola...

No entanto, quando a escola sabe tornar a reunião interessante e proveitosa, os pais acorrem com boa vontade. Assistimos pessoalmente a uma reunião de pais de alunos, na Escola Popular, mantida pelo Colégio Sion de Petrópolis, sob a direção da Revma. Irmã Tarcila, uma religiosa de grande espírito social, animada e entusiasta, e havia nada menos de 200 pais de alunos presentes! — Por quê? — Porque a Irmã Tarcila sabe tornar suas reuniões agradáveis, misturando a arte, o teatro e a alegria com os conselhos pedagógicos.

Para o bom êxito dos Círculos de Pais, propomos os seguintes princípios:

1. A primeira reunião na escola deve ser convocada para uma festa. No decorrer da festa é que deve surgir a idéia da criação do Círculo.

2. A presidência do Círculo não deve ser entregue ao maior "figurão" da localidade, mas sim ao pai que se mostrar mais animado, mais interessado na obra da escola. O "figurão" poderá ser aclamado "presidente de honra" ou cargo semelhante.

3. Nas reuniões subseqüentes deve permanecer o mesmo clima da festa. Nada de "mesa diretora", lei-

tura da ata e outras burocracias. Se o número de pais fôr pequeno, a reunião deve ter aspeto informal, com as cadeiras dispostas em círculo, na sala, para caracterizar mais a idéia de "Círculo".

4. O programa a se desenvolver será lítero-musical e teatral. Os pais podem não comparecer para ouvir discussões sobre Pedagogia e disciplina, mas adoraram ver seus filhinhos cantarem, bailarem, brilharem. A parte artística será, assim, a *motivação* para o comparecimento dos pais.

5. Então, entre dois números artísticos, a professora abordará os temas da administração escolar, da pedagogia, da disciplina, da higiene, de civismo ou de didática que se fizerem necessários, mas sempre em forma de conversa amigável e não de "conferência", lida em 10 laudas de papel...

6. A atitude da mestra não deve ser jamais a de "queixa", mas de "orientação" e de "aconselhamento".

7. O professor procurará interessar os pais, fazendo-os participarem da conversa, cada um contando sua experiência no assunto em discussão. Não é apenas com os alunos que o mestre deve fazer "escola ativa", mas também com os pais...

8. Casos individuais de alunos indisciplinados não devem ser discutidos em público, mas reservadamente, com o pai do menino-problema, após a reunião.

9. O mestre mostrará interesse pela vida de cada família, das crianças menores, etc., tornando os pais mais presos à escola pelo coração.

10. Finalmente, o professor aproveitará tôdas as oportunidades para trazer a família do aluno para dentro da escola e, sempre que possível, visitará êle próprio as famílias dos alunos.

11. Em suma, o "Círculo de Pais" para dar bons resultados precisa deixar de ser "Círculo de Pais", tal como foi entendido até hoje. Sem aquêles aspectos burocráticos e enfadonhos, o "Círculo" será sem dúvida um poderoso colaborador da obra escolar, ajudando

a ajustar ou reajustar os alunos, e, portanto, aumentando a eficiência do ensino.

§ 117) CLUBE DAS MÃES

Resta falar sobre o "*Clube de Mães*". Nas escolas, principalmente nas do interior, ao lado do "Círculo de Pais" e como um desdobramento deste, deverão ser criados os "Clubes de Mães".

Conforme o nome indica, esta instituição se destina a congregar exclusivamente o pessoal feminino (mães, irmãs e outras parentas dos alunos), com o fim de proporcionar-lhes horas de encantamento e utilidade.

No "Clube de Mães" se reunirão as senhoras e mocinhas para conversarem, costurarem, fazer remendos nas roupas, escutarem bons programas de rádio, aprenderem Economia Doméstica, Primeiros Socorros, Higiene Infantil, etc., tudo sem a forma clássica de "aula", mas em conversa informal.

Não haverá despesas para a escola: quem souber alguma especialidade, ensinará ao grupo. Pequenas despesas serão divididas entre as componentes do Clube.

O Círculo de Pais e o Clube de Mães poderão vir a ser valiosos colaboradores na obra renovadora da Escola.

§ 118) TÓPICOS PARA DISCUSSÃO

1. Explicar as finalidades das Instituições Escolares nos seguintes campos:

- a) No campo sociológico;
- b) No campo psicológico;
- c) No campo político.

2. Mostrar como as Instituições Escolares desempenham as funções de "*relações públicas*" na escola.
3. Explicar como deve funcionar na rotina diária da escola o "Centro Cívico".
4. Idem, idem, o "Clube de Leitura".
5. Idem, idem, o "Pelotão de Saúde".
6. Idem, idem, o "Clube Agrícola".
7. Idem, idem, o "Clube da Natureza" e o "Museu Escolar".

§ 119) LEITURAS COMPLEMENTARES

1. AMARAL FONTOURA — "Fundamentos de Educação"; volume I da Coleção "A ESCOLA VIVA"; Editora Aurora; Rio, 1960.
2. "Clubes Agrícolas" — publicação do Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura.
3. D'AVILA, Antônio — "Práticas Escolares"; 3 volumes; Saraiva Editor; São Paulo, 1950.

2.^a PARTE

**O Estágio da
Aluna-Mestra**

CAPÍTULO XVII

O Estágio de Observação

§ 120) IMPORTANCIA DO ESTÁGIO

O curso de formação pedagógica, impròpriamente chamado de "normal" (1), compreende dois grupos de disciplinas: as de *conteúdo* e as *propedêuticas*. As primeiras ensinam os conhecimentos *formais* (Português, Geografia, Física, Química, etc.) e as segundas os conhecimentos *pedagógicos* (Psicologia, Sociologia e Biologia Educacionais, Didática, Prática de Ensino, etc.).

As disciplinas do primeiro grupo fornecem ao futuro professor *o que ensinar*, enquanto as do segundo grupo indicam *como ensinar*; são as disciplinas que *ensinam a ensinar*.

(1) A denominação "ensino normal", "escola normal" não tem significação, não tem exatidão. — Que é "Escola Normal"? É aquela que fornece *normas* para o ensino? Então a Faculdade de Medicina também se devia chamar "Faculdade Normal", pois fornece *normas* para o médico... Tôdas as Escolas e Faculdades não fazem outra cousa senão fornecer *normas*...

Tomando a palavra em outro sentido, tudo que não é *normal* é *anormal*: será que tôdas as outras Escolas são *anormais*? Só há uma solução: adotar a expressão certa, exata, que é *pedagógico*. Devemos dizer *ensino pedagógico*, curso de formação pedagógica, Escola Pedagógica, Faculdade de Pedagogia (em vez de Faculdade de Filosofia, pois o que menos se estuda lá é Filosofia, e muitas dessas Faculdades de Filosofia nem sequer possuem curso de Filosofia!).

Allás, um órgão do Govêrno, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) já usa, no "Anuário Estatístico do Brasil", a expressão "Ensino Normal ou Pedagógico".

Dentre estas últimas, a que mais perto chega da técnica de *dar aulas* é evidentemente a disciplina "Prática de Ensino". Mas mesmo dentro desta disciplina ainda há uma parte mais prática, uma espécie de "prática da Prática", se assim podemos chamar: tal é o *estágio*.

Assim como a cadeira de "Prática de Ensino" é, do ponto de vista da formação do professor, a mais importante, pois é a que *ensina a dar aula* (e a atividade fundamental de um professor é exatamente *dar aula*), assim também o *estágio* é a parte mais importante da Prática de Ensino, pois coloca a futura professora, a aluna-mestra frente a frente com a *classe*.

Até então, durante 6 anos de curso, o aluno ouvira falar da *arte de ensinar*. Neste sétimo ano de curso, no primeiro semestre ele se prepara para enfrentar uma turma de alunos, e eis que finalmente no segundo semestre encontra-se frente a frente com a classe, com 40 crianças!

O estágio da aluna-mestra é, portanto, o que há de mais importante nos 7 anos do Curso Pedagógico. É o que vai habilitar o futuro professor a desempenhar sua função, seu papel diário, anos a fio: *dar aulas*.

Por aí se vê como é reduzidíssimo o tempo concedido pela maioria das nossas Escolas Normais aos *estágios*: apenas um semestre letivo (4 meses). A consequência é que as professorandas, nas turmas numerosas, mal conseguem dar duas ou três aulas, quando seria necessário que ministrassem pelo menos quinze ou vinte!

Em nossa opinião o início do estágio, isto é, o estágio de simples *observação*, deveria ter início na 2.^a série do Curso de Formação, para as alunas irem conhecendo o mecanismo de uma aula na escola primária. E na 3.^a série os estágios deveriam ter início desde o princípio do ano, a fim de permitir as *vinte* aulas experimentais para cada professoranda, sem a sobrecarregar demais e sem prejudicar o ensino das demais

matérias. Essas 20 aulas, repartidas, permitiriam que a professoranda desse 4 aulas experimentais em cada série, o que positivamente não é muito.

§ 121) ESCOLA DE APLICAÇÃO

A questão do *estágio* está na dependência direta da existência da "Escola de Aplicação", isto é, da escola primária anexa à Escola Normal. Sem essa Escola de Aplicação o estágio torna-se deficientíssimo.

Em primeiro lugar, sem a Escola de Aplicação, surge o problema das distâncias: como levar todos os dias uma turma de alunos da Escola Normal até a escola primária mais próxima? E o tempo gasto? e a condução?

Em segundo lugar, surge imediatamente a desavença entre o pessoal da Normal e o pessoal da Primária. Nenhuma diretora consciente pode consentir que durante todo um semestre sua escola seja cada dia invadida por uma turma de mocinhas que, por mais educadas que sejam, conversam, circulam pelos corredores, perturbam a tranquilidade das aulas!

O resultado é que nas Normais onde não existe Escola de Aplicação a parte prática vai diminuindo, o estágio quase não se realiza, ou é executado sem a imprescindível eficiência.

Deveria ser mesmo condição essencial, exigida pelo Governo para o reconhecimento de uma Escola Normal, a existência da Escola Primária anexa. Esta última deveria ser *gratuita*, para que as professorandas encontrassem, nos seus estágios, o mesmo tipo de alunos que depois vão encontrar nas escolas públicas, isto é, tudo misturado: crianças ricas e pobres (mais pobres do que ricas), brancas, mulatas e pretas, crianças limpinhas e sujinhas...

Infelizmente o problema da Escola de Aplicação não é fácil de resolver, pois a maioria das Escolas Nor-

mais brasileiras mal consegue manter-se, devido à falta de recursos. Não se pode exigir que ainda por cima organizem e mantenham uma escola primária gratuita. Sabemos bem com que sacrifícios muitas das nossas Normais lutam para desempenhar sua abnegada missão.

Naturalmente a existência da Escola de Aplicação não impediria que a Escola Normal particular mantivesse, também, uma Escola Primária particular, paga, pois muitos pais não desejam colocar seus filhos em escola pública, e estão inteiramente dentro do seu direito.

Note-se que a existência da Escola Primária particular não dispensa a Escola de Aplicação, gratis, porque os pais que estão pagando têm o direito, também, de não permitir que seus filhinhos sirvam de "cobaias" para treinamento das futuras mestras. Veja-se que nenhum hospital pago, nenhuma Casa de Saúde consente que os doentes sirvam de treinamento para os estudantes de Medicina. A parte prática do Curso Médico, que em tudo é equivalente à do Curso Normal, se realiza ou nos "Hospitais de Clínicas" da própria Faculdade ou nas "Santas Casas", sempre com doentes gratuitos.

Enquanto não se consegue, no Brasil, êsse ideal da Escola de Aplicação, vamos pelo menos remediando, e insistindo com as devotadas Escolas Normais e seus dedicadíssimos mestres para que todos dêem a máxima atenção ao problema do *estágio*, mesmo realizado na escola primária pública da localidade. O essencial, no momento, é que as alunas-mestras ministrem aulas, seja dentro ou fora da Escola Normal.

§ 122) FASES DO ESTÁGIO

O estágio da aluna-mestra se divide em três diferentes períodos ou fases:

I) Estágio de observação

- II) Estágio de participação
- III) Estágio de direção.

Na primeira fase, a aluna-mestra se limita a comparecer à escola primária e, especialmente, às salas de aula, e *observar* cuidadosamente tudo que lá se passa.

Na segunda fase, já a aluna-mestra passa a *colaborar* na vida da classe e da escola, auxiliando em todos os trabalhos e atividades, quer didáticas, quer administrativas.

Finalmente, na terceira fase vai a aluna-mestra *dar aulas* e até passar um dia inteiro com uma classe.

Estudemos cada uma dessas fases de per si.

§ 123) ESTÁGIO DE OBSERVAÇÃO

Neste primeiro estágio, as alunas-mestras, depois de ouvirem as explicações do professor de Prática de Ensino, irão assistir aulas nas classes da Escola Primária anexa, para verificar como a professora de classe põe em execução aquelas cousas que a cadeira de Prática ensina.

Por essa razão é que deve haver não só uma Escola de Aplicação anexa à Normal, mas uma íntima e constante ligação entre a diretora da escola primária e a professora de classe, de um lado, com o professor de Prática de Ensino, de outro lado.

Em alguns lugares a Escola Primária de aplicação chega mesmo a estar subordinada à cadeira de Prática de Ensino e até a ser dirigida pelo professor de Prática, possuindo a Primária apenas um vice-diretor.

Assim, os assuntos de aula têm que ser combinados previamente entre o professor de Prática e a professora da classe. Exemplos: se o professor de Prática ministra uma aula sobre "*técnica do ditado*", a seguir as alunas-mestras deverão ir assistir, na escola primária,

uma aula em que a professora da classe aplique um ditado.

O professor de Prática dá uma aula sobre "funcionamento do Clube de Leitura", e momentos depois as alunas-mestras vão observar como funciona o Clube de Leitura da escola primária anexa.

Mesmo havendo Escola de Aplicação anexa à Escola Normal, se não houver profunda entrosagem entre ambas, os conflitos são inevitáveis. Existe, sempre, infelizmente, uma professora primária "mais antiga", que não aceita essas "inovações bobas" da Escola Nova e não recebe de boa cara as estagiárias. E resmungando: "eu já tenho 30 anos de prática, meninas! Quando vocês nasceram eu já era professora! E vêm vocês agora com essas cousas, a quererem me dar lições!"

Como se vê, as estagiárias ficam em pânico: quem está certa? A professora de Prática de Ensino ou a mestra primária? A professora de Prática ou a prática da Professora?

Evidentemente o mundo evoluiu. A medicina de hoje não usa os remédios de nossos avós. A Educação também evoluiu. Tudo que é *para melhorar* o ensino deve ser aceito por nós.

§ 124) DISTRIBUIÇÃO DO TEMPO

Para que a cadeira de Prática de Ensino produza bons frutos, sugerimos que seja adotado o roteiro abaixo:

1) Na terceira série do curso de formação pedagógica, dois dias na semana serão dedicados integralmente à Prática de Ensino.

2) Nesses dois dias por semana, na primeira hora, o professor de Prática de Ensino ministra sua aula

sobre o assunto determinado (digamos: técnica do ditado).

3) Na segunda hora as alunas-mestras são conduzidas à escola primária anexa onde assistem a professora de classe aplicar um ditado, segundo as técnicas preconizadas pela cadeira de Prática de Ensino.

4) Sendo muitas as alunas-mestras, é possível conseguir-se que várias classes da Primária, naquela mesma hora, apliquem ditado, a fim de melhor distribuir as observadoras, sem prejuízo para a aula das crianças.

5) Na terceira hora, voltam as alunas-mestras à sua sala, onde o professor de Prática de Ensino retoma o assunto, comenta a aula da professora de classe, solicita que as alunas-mestras apresentem relatórios verbais a respeito e, enfim, esclarece as dúvidas existentes.

6) Na quarta e última hora do dia, o professor de Prática dá orientação sobre confecção de jogos didáticos e as alunas-mestras aprendem a construir seu próprio material, que irão juntando "para o ano que vem" (vide desenvolvimento deste item no capítulo seguinte).⁽¹⁾

Em resumo:

DIA DE AULA DA CADEIRA DE PRÁTICA:

- 1.ª hora — Orientação pelo professor
- 2.ª hora — Estágio das alunas-mestras
- 3.ª hora — Comentários sobre os estágios
- 4.ª hora — Confecção de material

(1) Em linhas gerais, este é mais ou menos o sistema preconizado pelo Instituto de Educação do Estado da Guanabara.

§ 125) COMO FAZER A OBSERVAÇÃO

Conforme o nome indica, neste primeiro estágio a aluna-mestra se limita a receber lições do professor de Prática de Ensino e confrontar êsses ensinamentos com o que a professôra de classe executa. Sua atitude nas aulas da escola primária, que assiste e cuidadosamente observa, deve ser, pois, a mais discreta possível. Limitar-se-á a aluna a prestar bastante atenção e tomar nota das cousas que lhe parecem boas ou más, feitas pela professôra de classe, para posterior discussão na cadeira de Prática.

No Instituto de Educação do Estado da Guanabara sugere-se que a observação da aula obedeça ao seguinte esquema:

- I. *Ambiente de aula:*
 - a) Condições da sala de aula
 - b) Relações entre alunos e professôres.
- II. *Conteúdo da aula:*
 - a) Qualidade (exatidão) e quantidade (extensão) da matéria
 - b) Qualidade e quantidade de experiências e exercícios.
- III. *Técnica de Ensino:*
 - a) Motivação
 - b) Processos didáticos empregados

- c) Emprêgo e utilização do material didático e do quadro-negro
- d) Empenho em obter a participação dos alunos
- e) Aproveitamento de oportunidades
- f) Aproveitamento do tempo
- g) Oportunidade de verificação

IV. *Preocupação com a formação educativa do aluno:*

- a) Hábitos
- b) Atitudes
- c) Ideais
- d) Interêsses
- e) Preferências.

V. *Reação dos alunos:*

- a) Interêsse e atenção
- b) Participação ativa
- c) Hábitos de classe
- d) Aproveitamento..

VI. *Observações originais.*

A fim de facilitar a verificação dêsses itens, os professôres de Prática de Ensino do referido Instituto confeccionaram um modelo de ficha, muito prático, que poupa tempo às alunas-mestras e permite a comparação entre suas respostas.

Espera-se que a aluna-mestra a preencha sem pecar por falta nem por excesso: nem responder "sim" e

“não” a tôdas as perguntas, nem escrever um artigo inteiro para responder a cada uma.

Eis o modelo da ficha:

QUESTIONARIO DE OBSERVAÇÃO

Professoranda

Data Turma

Classe observada

Assunto:

1. Os alunos mostraram-se integrados no trabalho do momento?

.....

2. Acha que, com o número de alunos existentes e as mesmas condições materiais, a integração no trabalho poderia ser maior?

.....

3. Quais os cuidados dispensados aos alunos que se mostraram desinteressados?

4. Os alunos trabalharam em grupos ou isoladamente?

5. Parecia haver entre eles espírito de cooperação?

6. Acolhiam bem as sugestões sobre o trabalho?

7. Observações originais:

.....

.....

.....

.....

§ 126) DISCUSSÃO DO QUESTIONARIO

A cada aula do professor de Prática, sobre determinado assunto do programa, e sobre esta ou aquela técnica de ensino, corresponde, evidentemente um questionário próprio, que as alunas-mestras deverão preencher, ao observarem a aula na Escola de Aplicação.

No “Diário” de Prática do Ensino, elaborado em conjunto pelas professoras dessa cadeira, do Instituto de Educação do Rio, são apresentados mais de 30 questionários diferentes, que as alunas-mestras deverão preencher. Todos esses questionários se referem apenas ao estágio de observação, excluídos, portanto, os estágios de participação e direção, de que mais tarde trataremos.

Terminada a aula a que assistiram na Escola de Aplicação, as alunas-mestras, sem esquecer de cumprimentar a professora da classe, voltarão à sua sala, para o terceiro tempo, isto é, discussão sobre tudo quanto observaram e anotaram na classe.

Os questionários preenchidos pelas alunas-mestras serão lidos em voz alta, item por item, isto é, tôdas as alunas lerão sua resposta ao item 1), seguindo-se a troca de opiniões e o esclarecimento final feito pelo professor da cadeira.

Então passar-se-á ao item 2) e assim sucessivamente, até finalizar-se o questionário.

Num caderno à parte, a aluna-mestra irá anotando as conclusões a que se chegou depois da discussão de cada item pela turma. Esse caderno constituirá magnífico roteiro para as aulas que tiver de dar, no segundo estágio, e mesmo futuramente, ao iniciar sua carreira de professora.

§ 127) OBSERVAÇÃO EM OUTRAS ESCOLAS DA LOCALIDADE

Depois de observar numerosas vèzes as classes da Escola de Aplicação, devem as alunas-mestras fazer algumas visitas às outras escolas primárias da localidade, de preferência em bairros diferentes, para sentirem a influência que o meio e a situação social e econômica dos pais exerce sobre a vida da criança.

Isso permitirá que a aluna-mestra rasgue novos horizontes, conheça novos professores e outras técnicas de ensino, podendo fazer um bom trabalho de comparação entre elas.

E será uma grande oportunidade para a aluna-mestra conhecer o meio ambiente em que vai trabalhar, as várias camadas populares de sua comunidade. Em resumo, a futura mestra receberá uma aula de Sociologia Educacional *ao vivo*.

Em princípio, a técnica da observação é a mesma, quer seja feita na Escola de Aplicação, quer nos outros estabelecimentos da localidade. O roteiro a ser seguido é o mesmo já descrito no § 125.

No entanto, precisam as alunas proceder com mais cautela e discreção ainda, pois se encontram em casa alheia, que nem sempre vê com olhos carinhosos aquela "invasão" pedagógica.

Também devem ser evitadas as trocas de opiniões das alunas-mestras entre si, que poderiam, talvez deixar desconfiadas as donas da casa. Qualquer troca de idéias ficará para depois da saída.

É imprescindível que as alunas-mestras procurem atrapalhar o menos possível a vida da escola visitada, e que se mostrem sempre muito bem impressionadas com a visita, retribuindo, assim, a gentileza da direção da escola. E sem essas visitas não estaria completa a formação das alunas-mestras.

Quando a Normal não possui Escola de Aplicação, então o êxito da formação da professoranda depende cem por cento da boa vontade das escolas primárias locais. É preciso saber conquistá-las. Para tanto, além da atitude irrepreensível de ordem, disciplina e gentileza, precisam as alunas mostrar desejo de colaborar no progresso da escola, de ajudar a professora em seu trabalho. Em escolas de meio humilde, a solicitude da aluna-mestra poderá chegar ao ponto de ajudar as crianças pobres, trazendo roupas, material escolar, brinquedos, etc.

§ 128) OBSERVAÇÃO EM ESCOLAS DE OUTROS TIPOS

Além do estágio na Escola de Aplicação e nas escolas primárias comuns da localidade, deve a aluna-mestra ser levada a conhecer todos os demais tipos de escola primária e anterior à primária, existentes em sua comunidade:

- a) Jardins de Infância
- b) Escolas Típicas Rurais
- c) Escolas Especiais.

Não se pretende que a aluna saia da Escola Normal preparada para lecionar num Jardim de Infância, Escola Típica ou Escola Especial, mas tão somente que conheça êsses tipos de estabelecimento, que fique ao par dêsses outros aspetos da educação primária.

Como se sabe, e já foi dito nas páginas dêste livro (vide capítulo III), o Jardim de Infância se destina a abrigar, assistir e orientar, crianças de 4 a 7 anos, que ali vão sobretudo adquirir *hábitos sociais*, além de alguns conhecimentos.

Dada a complexidade da educação pré-primária, que exige sólidos conhecimentos de Psicologia Infantil

e um especial "jeito" ou inclinação por parte da mestra, já esse setor constitui hoje em dia *uma especialidade* do magistério primário, que somente pode ser iniciada após estar a professora apta para o magistério nas escolas primárias.

O mesmo se dirá com relação às Escolas Típicas Rurais. Tais estabelecimentos se destinam a preparar a criança do campo, o pequeno rurícola, para uma vida melhor no próprio campo. Devem desenvolver o amor à terra e transmitir uma série de pequenos conhecimentos utilíssimos à vida rural.

Exigem tais escolas, por isso mesmo, uma técnica especial por parte do professor, que, além disso, precisa possuir uma verdadeira vocação para a vida no campo. Sem essa vocação, a permanência na roça será para o mestre uma tortura, da qual procurará livrar-se o mais cedo possível, constituindo-se em elemento de desajustamento no meio rural.

A preparação de professores para as Escolas Típicas Rurais se faz, por isso, em cursos especiais, denominados "Cursos de Educação Rural", onde só podem inscrever-se aqueles que já são professores.

Quanto às Escolas Especiais, destinam-se a alunos deficientes em sua vida física ou mental. Há escolas especiais para débeis mentais, para cegos, para surdos, para paralíticos, etc. Evidentemente quem desejar lecionar numa escola dessas tem que fazer um curso sério de *especialização*, pois a maneira de conduzir a aula com esses deficientes é bastante diversa da do ensino comum.

As alunas-mestras precisam visitar esses tipos de estabelecimento para que, como futuras educadoras, conheçam os problemas educacionais da comunidade, mesmo que aí não pretendam trabalhar.

De cada visita deverão as alunas-mestras preencher uma ficha, que pode, por exemplo, seguir a sugestão abaixo:

FICHA DE VISITA A ESCOLAS

Data/...../ 19 Escola

Finalidade

Enderêço

Diretor

Repartição a que está subordinada

Número de alunos Internos Externos

Meninos Meninas Idade: entre e anos.

Descrição sumária

.....

.....

.....

Atividades das crianças

.....

Minha impressão sobre a visita

.....

.....

.....
Nome da aluna-mestra

§ 129) ESTÁGIO NOS ÓRGÃOS DE ADMINISTRAÇÃO

Será de grande vantagem que as futuras professoras façam uma visita aos órgãos de administração da Educação, ou, pelo menos, a algum desses órgãos. Se as mestras tivessem conhecimento do mecanismo da Secretaria de Educação, muito tempo seria poupado e muitos aborrecimentos evitados. Quando precisassem requerer alguma coisa, já o saberiam como fazer. Saberiam a quem requerer e aonde entregar o requerimento.

Naturalmente uma única visita não permitiria o conhecimento de todos os detalhes da pesada e complexa máquina burocrática, mas já seria suficiente para dar às professoras uma idéia geral da administração educacional do seu Estado.

Nesse estágio as alunas-mestras, entre outras coisas, deveriam anotar o seguinte:

- I. Organograma da Secretaria de Educação;
- II. Principais órgãos com os quais tem ligação a escola primária;
- III. Hierarquia dos órgãos e formas de se dirigir a cada um deles;
- IV. Conhecimento das leis que regem o magistério;
- V. Maneira adequada de se encaminhar os processos referentes a licenças, remoção, contagem de tempo e demais assuntos do interesse imediato da vida da professora.

§ 130) TÓPICOS PARA DISCUSSÃO

1. Explicar: a) Que se entende por *estágio*; b) Qual a sua importância; c) Quais as fases que compreende.

2. Mostrar o que é *Escola de Aplicação* e sua necessidade junto a cada Escola Normal.
3. Explicar em que consiste o *estágio de observação* e como deve a professoranda nêle proceder.
4. Que precauções especiais deve tomar a professoranda ao fazer estágio em outras escolas que não a sua?
5. É importante o estágio nos órgãos de administração educacional? Por quê? Quais as principais coisas a anotar nesse estágio?

§ 131) LEITURAS COMPLEMENTARES

1. AGUAYO, A. M. — “Didática da Escola Nova”; Editôra Nacional; São Paulo, 1945.
2. CALZETTÍ, H. — “Didactica General”; Buenos Aires, sem data.
3. QUEIROZ, Brisolva de Brito e outras — “Prática de Ensino”; Editôra Conquista; Rio, 1958.

CAPÍTULO XVIII

O Estágio de Participação

§ 132) CONCEITO DE PARTICIPAÇÃO

Terminado o estágio de *observação*, em que as alunas se limitam a escutar, olhar e tomar notas, chega-se à fase muito mais interessante da *participação*. Nesta, as alunas-mestras colaboram com a professora da classe primária, auxiliando-a em tôdas as atividades da rotina diária.

Nessa segunda fase, a estagiária funciona realmente como "uma auxiliar" da professora primária, seguindo suas determinações, tal como, no hospital, o auxiliar-acadêmico trabalha sob as ordens de um médico.

§ 133) ATIVIDADES DA ESTAGIÁRIA

A aluna-mestra, que nesta altura, recebe também o nome de *estagiária*, participa da vida da classe, de numerosas formas, realizando as seguintes atividades:

- I) Confecção de material didático
- II) Organização de jogos
- III) Organização, aplicação e correção de provas
- IV) Colaboração nas atividades das Instituições Sociais da escola
- V) Idem da Biblioteca e do Museu
- VI) Idem na organização de festas e exposições
- VII) Acompanhamento dos alunos às visitas

- VIII) Colaboração nos recreios
- IX) Idem nas atividades de secretaria
- X) Idem na confecção de mapas estatísticos.

§ 134) CONFECCÃO DE MATERIAL DIDÁTICO

Quando abordamos a "distribuição do tempo" da cadeira de Prática, no segundo semestre (vide § 124), dissemos que na quarta e última hora do dia, o professor dá orientação sobre confecção de jogos didáticos e as alunas-mestras aprendem a construir seu próprio material.

Essa quarta hora do dia escolar da aluna-mestra tanto pode ser levada a efeito na sua sala, na Escola Normal, como na classe primária, onde a moça está estagiando. Por aí se vê, mais uma vez, que para a realização de um estágio cem por cento eficiente faz-se mister um profundo entrosamento entre o trabalho do professor de Prática e o da professora de classe, já que ambos vão agir sobre o mesmo material, isto é, as moças que estão realizando seus estágios.

Dáí se ressalta mais uma vez a grande conveniência de possuir cada Escola Normal sua própria Escola de Aplicação, e se possível até, que esta escola esteja subordinada à cadeira de Prática de Ensino, tal como cada enfermaria, no Hospital de Clínicas, está subordinada a uma cadeira do currículo da Faculdade de Medicina.

De acôrdo com o desenrolar do programa de Prática e das atividades em curso na classe primária, as alunas-mestras deverão construir o material abaixo (esta lista é meramente exemplificativa, não significando que tôdas as turmas de normalistas tenham de seguir o mesmo roteiro e fazer os mesmos trabalhos).

MATERIAL A CONFECCIONAR:

- 1) *LINGUAGEM:*
 - 1.1) Material para o ensino da leitura (preparo de gravuras, cartazes com frases ou palavras, conforme o processo de leitura adotado, fichas individuais, em tiras de cartolina, com as palavras).
 - 1.2) Reconhecimento de palavras (figurinhas recortadas de revistas, acompanhadas de fichas com os respectivos nomes).
 - 1.3) Jogos para aprendizagem da gramática (víspora ou lôto em que cada "pedra" em vez de ter um número, como no lôto comum, encerra uma pergunta, cuja resposta certa as crianças procuram e marcam em seus cartões).
 - 1.4) Idem — Dominó (as "pedras" do jôgo, em vez de trazerem números, apresentam perguntas e respostas, que os meninos irão enfileirando).
 - 1.5) Idem — Quebra-cabeças (gravura retangular, tamanho aproximado 16 × 26 centímetros, em cujo verso traçamos linhas irregulares, escrevendo no interior de cada figura irregular uma pergunta de gramática. As respostas se encontram sobre outra cartolina, de tal forma que se colocando a pergunta sobre a resposta certa, obtém-se, no final, a reconstituição da gravura inicial, que fôra recortada por nós).
 - 1.6) Cartazes representando cenas movimentadas, que se prestem para composição infantil.

2) MATEMÁTICA:

- 2.1) Confecção de material para as primeiras noções matemáticas — número, grandeza, quantidade, adição, subtração, mais, menos, etc. — pauzinhos, toros, sementes grandes, botões grandes, ou simplesmente retângulos de papelão grosso.
- 2.2) Construção do ábaco ou bolário, para contagem e operações de soma, subtração, multiplicação.
- 2.3) Confecção de jogos diversos, tipo “corrida de cavalos” e “jôgo da glória”, dêsses que as crianças jogam dados, somam os números obtidos nos dois dados e marcam êsse número sôbre o “campo” ou “pista” de corrida. A marcação pode ser feita com cavaleiros, automóveis ou aviões, de papelão, madeira recortada ou matéria plástica.
- 2.4) Confecção dos dados para o jôgo acima.
- 2.5) Confecção de víspera ou lôto, nos têrmos indicados no item 1.3), contendo as “pedras” contadas a realizar, cujas respostas se encontram nos cartões em poder dos alunos.
- 2.6) Confecção de dominó, em que uma “pedra” contém o enunciado de uma operação e outra “pedra” o resultado da conta.
- 2.7) Confecção de quebra-cabeças, do tipo citado no ítem 1.5), escrevendo-se na gravura a recortar perguntas de Matemática, cujas respostas se encontram no cartão em poder das crianças.

3) CIÊNCIAS SOCIAIS:

- 3.1) Confecção de lôto ou víspera, em que as “pedras” trazem o nome dos Estados e, nos cartões, que ficam em poder dos meninos, estão os nomes de suas capitais.
- 3.2) Confecção de lôto cartográfico. — Aqui, em vez de cartão retangular, os alunos recebem o mapa do Brasil, com os principais acidentes assinalados. As “pedras” contém perguntas sôbre êsses acidentes, cujas respostas os meninos marcarão em seus mapas.
- 3.3) Reconstrução de gravuras. — O professor desenha um mapa do Brasil, de 20×30 centímetros (tamanho aproximado) e em seguida o recorta em fragmentos irregulares. Ao aluno competirá tomar êsses pedaços e com êles reconstruir o mapa.
- 3.4) Confecção de quebra-cabeças — do tipo descrito nos itens 1.5) e 2.7). — Nas costas de uma gravura histórica (retrato de D. Pedro I, por exemplo) traçam-se numerosas linhas irregulares, e dentro das figuras assim obtidas escrevem-se as perguntas sôbre História em geral, ou apenas sôbre um determinado acontecimento histórico. Noutra fôlha se encontram as respostas. Colocando as perguntas sôbre as respostas certas, o aluno obtém a reconstituição da gravura inicial.
- 3.5) Confecção de mapas mudos, com o contôrno, principais acidentes geográficos e cidades, mas sem os respectivos nomes. O trabalho dos alunos será, depois, escrever êstes nomes nos lugares certos.

4) CIÊNCIAS NATURAIS:

- 4.1) Confecção de víspera ou lôto. — Nas “pedras”, que serão discos de papelão duro, o professor fará as perguntas: “Animais que vivem no mar” — “Animais que nos dão carne” — “Raízes alimentícias”, etc. Nos cartões que ficam em poder das crianças estão as respostas certas, que serão marcadas por elas, com caroços de milho.
- 4.2) Confecção de dominó — Semelhante ao item 1.4) de Linguagem. — Numa “pedra” o professor escreve a pergunta e noutra a resposta, e os alunos irão enfileirando cada pedra-resposta ao lado de cada pedra-pergunta.
- 4.3) Confecção de quebra-cabeças — Do tipo já enunciado nas outras matérias. — Numa gravura recortada irregularmente o professor inscreve as perguntas e noutra cartolina as respostas. Colocando as perguntas sobre as respostas certas, obtém-se a reprodução da gravura inicial.
- 4.4) A respeito de Ciências muito material pode ser preparado, pois a matéria é vasta e convém que cada jogo seja sobre um assunto só. Exemplo: um sobre animais, outro sobre plantas, outro sobre riquezas ou produções. Para as séries mais adiantadas ainda é possível se fazerem jogos mais especializados: um só sobre mamíferos, outro sobre aves, etc.
- 4.5) Confecção de baralho educativo. — O professor prepara 52 cartas de baralho, em cartolina grossa. As cartas são semelhantes a 4. Exemplo: 4 mamíferos, 4 aves, 4 répteis, 4 raízes alimentícias, 4 flôres, 4 frutos, 4 pro-

duto minerais, etc. O jogo consistirá em distribuir as cartas pelos alunos, que deverão ir “comprando” dos colegas, até um deles conseguir juntar as 4 cartas do mesmo gênero.

Observação — Alguns professores não gostam que se fale em “baralho”, achando o termo deseducativo. Não há problema: aproveitemos o jogo e mudemos o nome; chamemos de “jogo dos quatro”, por exemplo.

Outra observação — Se o professor tiver “jeito”, os animais, plantas, etc. poderão ser pintados sobre as cartas. Em caso contrário, escreverá apenas os nomes de uns e outros.

O professor de Prática, com boa vontade, descobrirá inúmeros outros jogos para serem confeccionados pelas alunas-mestras, procurando-os em revistas infantis e didáticas. Com sua inteligência também poderá adaptar outros ou mesmo inventar alguns.

A confecção desse material didático poderá ter lugar na própria sala de Prática, ou, talvez, na classe primária. A vantagem desta última solução é permitir a participação das crianças na confecção do material. No entanto, isso não é indispensável, pois o objetivo é que as alunas-mestras aprendam a confeccionar material didático e que *as crianças joguem*.

§ 135) ORGANIZAÇÃO DE JOGOS

Preparado o material didático pelas estagiárias, tem início sua aplicação, isto é, a organização dos jogos, na sala de aula, com os alunos.

A fim de não prejudicar a boa marcha do ensino na classe, é indispensável a observação dos seguintes princípios:

1) Os jogos não serão aplicados a esmo, em qualquer dia, mas sempre como ilustração ou fixação de um assunto que esteja sendo dado pela professora de classe. O jogo tem de ser *continuação* do assunto, dentro do plano de aula previamente estabelecido.

2) Não se deve abusar desse recurso didático, realizando jogos em todas as aulas, a respeito de todos os assuntos. Tal medida acaba matando o interesse da criança pelo jogo. Tudo que é demais cansa; todo excesso é prejudicial.

3) O jogo precisa ter uma finalidade absolutamente construtiva, não sendo uma mera competição, e sim uma oportunidade a mais para a *educação* da criança.

4) Nesse sentido, compete ao professor (ou à estagiária, no caso presente) impedir que o jogo se transforme em algazarra, em gritaria, em disputa violenta.

5) O jogo será uma ótima ocasião para a estagiária infundir nos alunos os princípios da *Educação Moral*: atitudes corretas, saber esperar, respeitar os adversários, saber perder, não furtar no jogo, não querer "levar vantagem", ser cortês, etc.

§ 136) ORGANIZAÇÃO, APLICAÇÃO E CORREÇÃO DE PROVAS

A terceira atividade a ser desenvolvida pela estagiária é a de organização, aplicação e correção de provas, incluindo-se neste item quaisquer exercícios de verificação da aprendizagem.

136.1) Organização de provas

A organização de provas tem de obedecer a muitos requisitos pedagógicos: não pode a aluna-mestra ima-

ginar quaisquer questões dentro do programa e jogá-las na prova. (Vide modelo de prova objetiva, mais adiante.)

As perguntas têm que estar:

- a) de acôrdo com o programa de ensino da série,
- b) de acôrdo com a matéria realmente dada,
- c) de acôrdo com o nível mental da turma,
- d) de acôrdo com o meio ambiente da escola e dos alunos.

Aconselha-se que a aluna-mestra, inicialmente, se socorra de modelos de provas já anteriormente aplicadas, não para copiá-las, mas para formular questões mais ou menos no mesmo padrão.

Às vezes, perguntas feitas em obediência aos três primeiros itens (isto é, de acôrdo com o programa, com a matéria dada e com o nível intelectual da classe) são impróprias, por não estarem de acôrdo com o ambiente da criança. Exemplo: enviaram para uma escola da roça uma prova em que havia esta pergunta: — "*como é que você faz para ir de Niterói ao Rio?*"

A pergunta fôra considerada "muito fácil" para alunos de terceira série primária, pois fôra aplicada em Niterói e respondida por toda garotada, prontamente: "*tomo a barca*" ou "*pego a lancha*". Ora, essa pergunta "muito fácil", foi respondida erradamente ou não respondida por 80% das crianças da roça, que não tinham a mínima experiência do assunto.

Foi verificado que esse item — "Meios de transporte" — fazia parte do programa da 3.^a série e que havia sido dado pelas professoras durante o ano. — Que sucedeu, então? — Como explicar o fenômeno?

É que na roça o item "meios de transporte entre o Rio e Niterói" era apenas *um ponto do programa*, que a professora falava, os alunos tomavam nota e decoravam (20%) ou esqueciam (80%). Mas para as crianças de Niterói, isso não era apenas um ponto do

programa: *era uma vivência!* Mesmo que a professora jamais tivesse abordado esse item, elas o responderiam com rapidez e precisão na prova, pois desde os 2 anos de idade vão ao Rio quase toda semana...

Abramos um parêntesis aqui, para mostrar a importância da *escola ativa*: ela leva os alunos a *fazerem cousas*, que se gravam no seu cérebro muito mais do que as cousas apenas ouvidas, ensinadas pelo mestre. Daí a campanha que vimos há anos desenvolvendo pelo Brasil em favor da *escola viva*, dessa nova escola em que (na medida do possível) os alunos *adquirem vivências*, em vez de, apenas, amontoarem, "informações" e "conhecimentos" decorados, dentro de seus cérebros!

Claro está que nem todos os assuntos do curso primário podem ser adquiridos mediante experiência direta das crianças, mediante *vivência*. Mesmo assim é possível dar-se uma *vivência imaginária*. Exemplo: não podemos oferecer uma viagem pelo Brasil aos nossos alunos, mas podemos organizar com eles uma viagem imaginária, com algum colorido e pitoresco, dentro da própria sala de aula. Se não nos é permitido levar as crianças todos os domingos ao mercado, poderemos pelo menos levá-los lá uma vez e daí em diante criar "o nosso mercado" dentro da escola.

Acrescente-se que as crianças nos facilitam bastante essa tarefa, pois, dada sua grande *imaginação criadora*, têm capacidade para sentir e ver cousas que os adultos já não conseguem. O garoto, na sua felicidade, monta num cabo de vassoura e sente-se a cavalo. A menina conversa e briga com a sua boneca...

Fechado o parêntesis, voltemos a citar outro caso de prova cujo resultado se altera conforme o meio ambiente em que é aplicada.

Num teste apresentado às crianças da 1.^a série havia um boi desenhado e pedia-se que escrevessem

o nome por baixo. Acontece que o clichê do desenho estava borrado, aparecendo uns pontos pretos debaixo da barriga do animal. Então, os alunos da cidade responderam *boi*, mas as crianças da roça foram unânimes em afirmar: *vaca*... As corregedoras da prova ficaram em dificuldades, pois a chave de correção só registrava a resposta *boi*. — Que fazer? Desobedecer à chave? Considerar errada a resposta dos garotos que se mostraram tão bons observadores?

A verdade é que a *vivência* dos alunos da roça lhes ensinava claramente que aquilo era uma vaca, enquanto que os alunos da cidade, talvez em grande parte, nunca tivessem visto esses animais senão em figura, não tendo, pois, conhecimento real do assunto.

Razões análogas nos levam a não concordar com a idéia dos visitantes e autoridades que chegam numa classe e vão formular perguntas aos alunos, para "ver se eles se encontram preparados". Mesmo quando tais perguntas estão "dentro do programa", não estão de acordo com o nível mental ou com o meio-ambiente das crianças, que os visitantes desconhecem. Somando-se a isso a natural inibição da criança diante do desconhecido, resulta o fracasso dessas "arguições" que são o terror da professora da classe, pois esta fica sempre com medo que as autoridades julguem que ela é que não ensinou aquele assunto...

As questões da prova, de qualquer prova, aliás, devem, na medida do possível, escalonar-se em três grupos de dificuldade crescente:

questões fáceis
questões médias
questões difíceis.

Deve haver questões tão fáceis que só um aluno retardado não resolva; e questões tão difíceis que só os bons alunos consigam responder. Assim se conseguirá uma larga dispersão nos resultados da prova, na escala de 0 a 10, e não todos os meninos amontoados na faixa entre 6 e 9, permitindo ao professor conhecer melhor seus alunos.

As provas não devem ser longas, porque cansam inutilmente o espírito da criança, sem nenhum proveito para ninguém. Exemplo: em Matemática precisavam ser terminantemente abolidos os tais *carroções*, que torturam o cérebro infantil sem objetivo nenhum. Se a finalidade da escola é preparar para a vida, e se a escola deve reproduzir a vida, então, acabemos com os "carroções", que não existem na vida prática. Em vez de um "carroção", formulemos dez problemas sobre assuntos da Matemática diária: problemas de compra e venda, desconto, trôco, quantidade de fazenda necessária para fazer tantos vestidos, etc...

(Vide modelo de prova objetiva, mais adiante.)

136.2) Aplicação das provas

Quanto à aplicação de provas, deve a estagiária tomar as seguintes precauções:

- 1) Manter na classe um ambiente calmo e tranquilo, a começar pela sua própria atitude.
- 2) Estimular os meninos a responderem tudo, mostrando que a prova é fácil e com certeza eles sabem responder todas as questões: é só pensar e agir com calma.
- 3) Não ficar falando, dando explicações complementares a cada instante, que perturbam a concentração dos alunos.

4) Não permitir de modo algum qualquer comunicação entre os colegas, nem consulta a nada que não tenha sido previamente permitido.

5) Marcar o tempo e não permitir que nenhum aluno exceda desse limite. Deixar que um menino faça o que foi proibido aos outros gera um ambiente de revolta. Nada fere a criança mais do que a injustiça.

6) Se possível, levar os exercícios ou as provas já mimeografados, evitando a grande perda de tempo que representa a cópia ou o ditado das questões propostas.

136.3) Correção das provas

No capítulo da correção, os principais itens a serem observados são os seguintes:

- a) A aluna-mestra precisa corrigir as provas com calma, sem pressa, com o espírito descansado, para evitar erros de julgamento.
- b) Comparar sempre os resultados das provas entre si, pois um erro, à primeira vista grave, pode abrandar-se em comparação com os de outras provas.
- c) Em se tratando de testes, preparar antecipadamente a chave de correção, o que muito facilitará o trabalho.
- d) Sempre que possível, a correção de provas objetivas far-se-á na própria classe, levando-se os alunos a trocarem de cadernos entre si, e fazendo a aluna-mestra a revisão geral, para ver se os trabalhos foram bem corrigidos.
- e) Nessas provas de tipo objetivo, a correção poderá ser simplesmente assinalando, à direita, ao lado do número de ordem de cada questão, as respostas certas com uma cruz feita a lápis azul e as respostas erradas com um zero feito a lápis vermelho.

§ 137) MODELOS DE PROVA OBJETIVA

2.^a SÉRIE

a) LINGUAGEM

I — Ditado

A de mora no
 No havia de
 Maria tristemente o seu quebrado
 vou pular e vou

(A professora mandará os alunos escreverem nos espaços pontilhados as palavras que ela ditar: professora — Joaquim — Rio de Janeiro — hotel — doce — maçã — contemplava — talher — agora — correr.)

II — *Leia o trecho abaixo e responda, nas linhas pontilhadas, às perguntas feitas:*

“Temos em casa um viveiro com muitos passarinhos. Que engraçados são eles, voando de um lado para o outro!

É a nossa irmã Elza quem toma conta das lindas avezinhas.”

- 11 — Em casa, onde estão os passarinhos?
 12 — Como ficam eles no viveiro?
 13 — Quem cuida dos passarinhos?
 14 — As avezinhas são feias?

III — *Classifique as palavras abaixo quanto ao número de sílabas:*

- 15 — janela
 16 — cavalheiro

- 17 — partida
 18 — mão

IV — SUBLINHE:

- 19 — os nomes próprios:

Miguel e Carlota estudavam, em sua casa, a lição sobre o boi, quando Lúcia os chamou para jantar.

- 20 — os nomes femininos:

Paulo — Pedro — Carlos — Isabel — Antônio — João — Teresa — Válder — Mário — José.

- 21 — os grupos consonantais:

ei — ou — br — in — iu — lh — ai — eu — ia — au.

- 22 — o adjetivo qualificativo da frase abaixo:

João é um aluno vadio.

V — *Escreva, nas linhas pontilhadas, seis frases sobre o que você faz no recreio.*

- 23 —
 24 —
 25 —
 26 —
 27 —
 28 —

Total de pontos: 40

Pontos do examinando:

b) MATEMÁTICA

I — *Complete* o que falta em cada linha:

- 1 — O triplo da metade de uma dezena é
- 2 — Duas centenas e meia de peixes são
peixes.
- 3 — Cinco cruzeiros e quarenta centavos =
- 4 — $346 \times 8 =$
- 5 — Os vizinhos de 800 são e
- 6 — $4365 : 5 =$
- 7 — O quádruplo de 4 =
- 8 — A quinta parte de 20 =
- 9 — $6 + 60 + 604 + 795 =$

II — *Escreva* em algarismos arábicos:

- 10 — mil
- 11 — trinta mil e sete
- 12 — XLIV
- 13 — a metade de 16
- 14 — uma centena e quatro unidades
- 15 — uma centena e meia dezena

III — *Destaque* os números *ímpares*, colocando-os em *ordem crescente*:

- 16) 15 — 24 — 37 — 38 — 30 — 29 — 55 — 26 — 32.

IV — *Risque*, no parêntese, o que representa:

- 17 — o número par (9 — 14 — 45 — 41 — 27)
- 18 — o maior número (XIX — L — V — XXX — XV)
- 19 — o número 35 (XXIV — XXXIX — XXXV — XL — VI)
- 20 — quantos meses tem o ano (7 — 4 — 12 — 30 — 8)

V — Problemas:

Cálculos

21 — De cada lado de uma rua estão plantadas 125 palmeiras.

Quantas palmeiras há nos dois lados da rua?

R.:

22 — Comprei 36 042 canetas e emprestei 7 286. Com quantas canetas fiquei?

R.:

23 — Três colegas virão hoje à minha casa. Quero dar 5 doces a cada um. Quantos doces devo comprar?

R.:

24 — 344 pêras, mais meia dúzia de pêras, quantas frutas são?

R.:

25 — Maria nasceu em 1940. Que idade tem ela?

R.:

Total de pontos: 36

Pontos do examinando:

c) CONHECIMENTOS GERAIS

1.ª PARTE

Risque a palavra que indica:

1 — O nome de quem rezou a 1.ª missa no Brasil:

Martim Afonso de Sousa — Pedro Álvares Cabral — Henrique de Coimbra — João Ramalho — Duarte Coelho

2 — De onde a borracha é tirada:

carnaubeira — seringueira — pinheiro — jacarandá — paineira

3 — A espécie de animal que é a onça:

herbívoro — útil — doméstico — roedor — selvagem

4 — O nome da forma da terra:

cilindro — cubo — esfera — cone — prisma

5 — O alimento dos vegetais:

sangue — seiva — sal — vento — neve

6 — O sétimo mês do ano:

dezembro — fevereiro — setembro — julho — maio

7 — Onde o sol nasce:

oeste — sul — poente — leste — norte

8 — O que é necessário a uma casa arejada:

escada — flôres — mesas — janelas — electricidade

9 — O nome do rei de Portugal, quando o Brasil foi descoberto:

D. Afonso Henrique — D. Carlos — D. Manoel — D. Pedro I — D. João VI

10 — O nome de quem habitava o Brasil, quando foi descoberto:

portuguêses — índios — espanhóis — franceses — holandeses

2.ª PARTE

Complete as frases abaixo:

11 — O nome do movimento que a terra faz em torno de si mesma é

12 — Os pulmões são órgãos do aparelho

13 — O vapor é água no estado

14 — Cabral, ao passar pela África, afastou-se da costa para evitar as

15 — A estação mais quente é

16 — As côres da nossa bandeira são

17 — O atual Governador do Estado do Rio de Janeiro é

Total de pontos: 24

Pontos do examinando:

DOM AGUIAR CORREA
- ETC -
DOULADOS — MS.

3.^a SÉRIE

a) LINGUAGEM

I — DITADO:

-
 —
 —

II — *Leia o trecho abaixo e responda, na linha pontilhada, às perguntas feitas:*

“Um gato, de nome Faro-Fino, deu de fazer tal destrôço, na rataria duma casa velha, que os sobreviventes, sem ânimo de sair das tocas, estavam a pique de morrer de fome

Tornando-se muito sério o caso, resolveram reunir-se em assembléia para o estudo da questão.

Aguardaram, para isso, certa noite em que Faro-Fino andava aos mios pelo telhado, fazendo sonetos à lua.

— Acho, disse um dêles, que o melhor meio de nos defendermos de Faro-Fino é lhe atarmos um guizo ao pescoço. Assim, mal se aproxime a fera, o guizo a denuncia e pomo-nos ao fresco, a tempo.”

- 11 — Quem assaltou a rataria?
 12 — Que fizeram os ratos?
 13 — Quando se deu a reunião?
 14 — Qual foi a decisão dos ratos?

III — *Leia, com atenção, o trecho que se segue, escrevendo, nas linhas pontilhadas: como se classifi-*

cam, segundo o número de sílabas, a acentuação tônica, a categoria gramatical, o gênero, o número, o tempo ou o modo, as palavras grifadas.

“Assim que o pai de Carlos entrou da rua, ela lhe contou o triste caso.”

- 15 — pai
 16 — Carlos
 17 — entrou
 18 — ela
 19 — o
 20 — triste

IV — REDAÇÃO

Faça a *descrição* da seguinte estampa:

(A professôra apresenta uma estampa alegre, movimentada, e pede que os alunos escrevam 8 frases sôbre a mesma.)

- 21 —
 22 —
 23 —
 24 —
 25 —
 26 —
 27 —
 28 —

Total de pontos: 40

Pontos do examinando:

b) MATEMÁTICA

I — Arme, efetue e complete as igualdades:

1) $8,32 \times 5,7 = \dots\dots\dots$

2) $52,76 + 14 + 131,263 + 0,4 = \dots$

3) $0,450 : 0,3 = \dots\dots\dots$

4) $64,32 - 0,8 = \dots\dots\dots$

5) $4 \times 3 + 10 : 2 = \dots\dots\dots$

Cálculos

II — Risque, no parêntese, a resposta certa

6) a fração equivalente a $\frac{1}{4}$:

$$\frac{3}{8} \quad \frac{4}{7} \quad \frac{5}{6} \quad \frac{2}{8} \quad \frac{6}{6}$$

7) o número mil vêzes maior que 32:

(3 200 000 — 320 — 32 000 — 3 200 — 320 000)

8) o múltiplo do grama:

(cg — dag — dg — g — mg)

9) a maior fração

$$\frac{3}{5} \quad \frac{1}{5} \quad \frac{4}{5} \quad \frac{2}{5} \quad \frac{7}{5}$$

10) o número que é divisível por 5 e 10 ao mesmo tempo:

(15 — 125 — 90 — 48 — 25)

11) o número que é igual a $\frac{1}{10}$ de 5 000:

(50 — 55 — 500 — 150 — 250)

12) o número que dividido por 2, deixa 1 para resto:

(24 — 40 — 73 — 38 — 92)

III — Escreva:

13) em romanos, o dôbro de 85

14) quantas horas há num mês de 30 dias

15) quantos centavos tem o cruzeiro

16) duas dúzias e meia

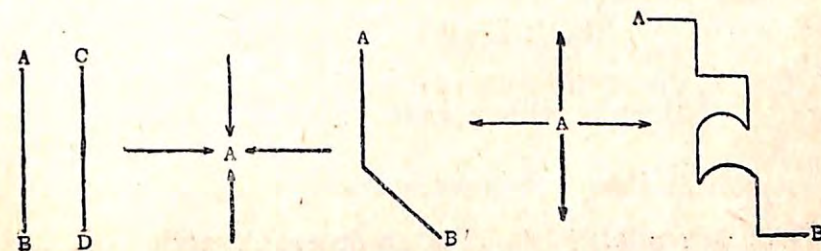
17) 33 bilhões, 8 milhões e 5 unidades

18) quantas dezenas há no número 43 073

19) o funil tem a forma de um

IV — Marque, com uma cruz, as linhas divergentes:

20)



V — Problemas:

Leia, resolva e escreva os resultados na linha pontilhada:

- 21) A soma de dois números é 825; um deles é 327. Qual é o outro?

R.:

- 22) Sabendo-se que uma dúzia de copos custa Cr\$ 81,60, quanto se pagará por meia centena?

R.:

- 23) 5 dúzias de pêras, 7 dezenas de laranjas e 4 centenas de bananas, quantos frutos são?

R.:

- 24) Um queijo custa Cr\$ 26,00; qual o preço de um quarto de queijo?

R.:

- 25) Comprei 6 metros de pano a Cr\$ 8,30 o metro; dei para pagar Cr\$ 53,00 e o troço distribuí com 4 meninos. Quanto ganhou cada um?

R.:

Total de pontos: 36

Pontos do examinando:

Cálculos

c) CONHECIMENTOS GERAIS

1.^a PARTE

Grife, no parêntese, a palavra ou expressão que indica:

- 1 — O metal mais útil é:

(ouro, prata, ferro, zinco, cobre);

- 2 — A passagem de um corpo do estado sólido para o líquido chama-se:

(fusão, liquefação, solidificação, evaporação, ebulição);

- 3 — A Independência do Brasil foi proclamada por:

(Marechal Deodoro, D. Pedro I, Floriano Peixoto, Tiradentes, Caxias);

- 4 — A abertura do vulcão chama-se:

(planalto, dunas, cratera, pico, embocadura);

- 5 — O lustro tem:

(2 anos, 4 anos, 5 anos, 7 anos, 3 anos);

- 6 — A República foi proclamada no dia:

(7 de maio, 15 de novembro, 13 de maio, 21 de abril, 7 de setembro);

- 7 — O maior centro comercial do Estado do Rio é:

(Niterói, Sapucaia, Campos, Teresópolis, São Fidélis);

- 8 — Os jesuítas vieram ao Brasil para: _____
(passear, estudar, catequizar os índios, plantar, rezar);
- 9 — O bicho da sêda é criado:
(na laranjeira, no limoeiro, na amoreira, na bananeira, no caféiro);
- 10 — O maior ôsso do corpo é:
(tíbia, perôneo, fêmur, rádio, cúbito).

2.^a PARTE

Complete as frases abaixo:

- 11 — Os franceses invadiram o Rio de Janeiro, pela primeira vez, no govêrno de
- 12 — A transformação sofrida pelos alimentos ingeridos chama-se
- 13 — O Cruzeiro do Sul, a Ursa Menor e o Carro de David são
- 14 — Chama-se a transformação da da semente em planta.
- 15 — e foram as capitânias que mais prosperaram.
- 16 — é a capital da Bahia.
- 17 — É o rio que forma a cachoeira de Paulo Afonso.

Total de pontos: 24 Pontos do examinando:

4.^a SÉRIE

a) LINGUAGEM

I — *Leia*, silenciosamente, o trecho abaixo e responda às perguntas, nas *linhas pontilhadas*:

O LEÃO E O CAMUNDONGO

Olavo Bilac

Um camundongo, humilde e pobre.
Foi um dia cair nas garras de um leão.
E êsse animal possante e nobre
Não o matou por compaixão.

Ora, tempos depois, passeando descuidoso,
Numa armadilha o leão caiu:
Urrou de raiva e dor, estorceu-se furioso,
Com todo o seu vigor as cordas não partiu.

Então, o mesmo fraco e pequenino rato
Chegou: viu a aflição do robusto animal,
E, não querendo ser ingrato,
Tanto as cordas roeu que as partiu, afinal.

Vêde bem: um favor feito aos que estão sofrendo,
Pode sempre trazer em paga outro favor.
E o mais forte de nós, do orgulho se esquecendo,
Deve aos fracos tratar com caridade e amor.

1. Que animal o leão poupou?
2. Que aconteceu, por descuido, ao vigoroso animal?
3. Que sentimento levou o rato a salvar o leão?

4. Qual dos provérbios abaixo pode ser aplicado à poesia?

- De noite, todos os gatos são pardos.
- Água mole, em pedra dura, tanto dá, até que fura.
- De grão em grão, a galinha enche o papo.
- Amor com amor se paga.
- Quem tudo quer tudo perde.

II — *Sublinhe, no parêntese,*

- o verbo auxiliar:
(sair, calar, ser, pôs, ferir-se);
- o verbo no pretérito perfeito:
(estudaste, estudavam, estudarei, estudais, estudáramos);
- o antônimo de fértil:
(sêco, frio, saudável, estéril, úmido);
- o verbo de predicação completa:
(ganhar, assistir, correr, falar, dispor);
- a palavra composta por aglutinação:
(sobremesa, guarda-chuva, aguardente, couve-flor, bisavô).

III — Escreva, nas linhas pontilhadas, o que se pede no parêntese.

Tu serias *mais* feliz se cumprisses *teu dever* (a categoria gramatical das palavras sublinhadas):

- mais (a categoria gramatical)
- teu (a categoria gramatical)
- dever (a categoria gramatical)

- florista (a palavra primitiva)
- anormal (o prefixo)
- homem (o aumentativo)
- cela (o homônimo)
- feliz (o superlativo sintético)
- Hoje, pela manhã, só tu e êle estivestes aqui (o sujeito)

IV — *Redação.*

Descreva um fato presenciado na rua, dando um título à sua descrição.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Total de pontos: 40 Pontos do examinando:

b) MATEMÁTICA

I — *Risque, no parêntese,*

1. o número maior que quinhentos:

(CDXXIV — CCCIX — LXXXIX — DIV — CCLXXXIII);

2. a fração imprópria:

$\left(\frac{5}{15}, \frac{1}{3}, \frac{12}{13}, \frac{14}{18}, \frac{7}{6} \right)$;

3. o número que corresponde a um quilômetro:
(1 000 m — 100 m — 100 000 m — 10 m — 10 000 m);
4. o múltiplo de 6:
(250 — 732 — 616 — 875 — 800);
5. a fração redutível:
 $\left(\frac{5}{14}, \frac{19}{10}, \frac{15}{26}, \frac{9}{12}, \frac{6}{5} \right)$;
6. o número primo:
(75 — 61 — 33 — 70 — 21);
7. a fração menor:
 $\left(\frac{2}{5}, \frac{2}{3}, \frac{2}{8}, \frac{2}{1}, \frac{2}{7} \right)$;
8. a fração equivalente a $\frac{24}{30}$:
 $\left(\frac{8}{6}, \frac{2}{3}, \frac{5}{4}, \frac{8}{9}, \frac{4}{5} \right)$;
9. o número maior:
(0,975 — 1,428 — 3,015 — 2,869 4 — 0,129 87);
10. c.m.d.c. dos números 600 e 90:
(2 — 10 — 5 — 60 — 30).

II — Complete as frases ou expressões abaixo:

11. Num quadrilátero há ângulos.
12. 30 toneladas métricas contêm quintais métricos.
13. $\frac{1}{2}$ quilo tem decigramas.
14. Um decímetro tem centímetros.
15. O número formado por 18 centenas e 5 unidades = unidades.
16. O número mil vezes maior que 0,2368 =

17. $\frac{63}{7} = \dots\dots\dots$ inteiros

18. $6 : 12 = \dots\dots\dots$

19. $8,4 - 7,5 : 10 = \dots\dots\dots$

20. $8 - \frac{2}{4} : 2 \frac{8}{6} = \dots\dots\dots$

Cálculos

III — Problemas.

Leia os problemas que se seguem, resolva-os no lugar destinado aos cálculos ou indique as soluções; escreva a respectiva resposta na linha pontilhada.

Cálculos

21. Um operário fez os $\frac{2}{6}$ de certo serviço, um outro fez $\frac{1}{4}$ do mesmo trabalho e um terceiro os $\frac{2}{8}$. Que parte do trabalho foi executada pelos 3 operários?
R.:
22. Quanto se gastará para cercar de arame um canteiro que tem a forma de um triângulo isósceles com 2,80 m de base e 3,60 m de lado, sabendo-se que o arame custa Cr\$ 3,00 o metro?
R.:
23. Numa escola, onde há 840 alunos matriculados, compareceram $\frac{3}{4}$ dos alunos. Quantos alunos faltaram?
R.:
24. Uma professora compra livros no valor de Cr\$ 470,00;

Cálculos

- tem um desconto de 8%, quanto vai pagar?
R.:
25. O diâmetro da roda de um carro mede 1,20 m. Quantos centímetros tem um dos raios dessa roda?
R.:

Total de pontos: 36 Pontos do examinando:

c) CONHECIMENTOS GERAIS

1.^a PARTE

Sublinhe, no parêntese, o nome, a data ou a expressão que indica:

- o país que confina com o Brasil a sudoeste:
(Guianas — Venezuela — Argentina — Uruguai — Colômbia);
- um corpo bom condutor de calor:
(vidro, ferro, porcelana, madeira, borracha);

3. um mamífero:
(jacaré, sapo, água, robalo, gato);
4. a moléstia transmitida pelo mosquito:
(tuberculose, tifo, sarampo, impaludismo, gripe);
5. a linha imaginária que dista, igualmente, dos 2 pólos, dividindo a Terra em hemisfério norte e hemisfério sul:
(Trópico de Câncer, Eixo da Terra, Equador, Círculo Polar Ártico, Trópico de Capricórnio);
6. quando se deu a revolução pernambucana provocada pelas idéias liberais:
(1555 — 1888 — 1792 — 1817 — 1889);
7. quem descobriu o caminho marítimo para as Índias:
(Pedro Álvares Cabral, Américo Vespúcio, Fernão de Magalhães, Cristóvão Colombo);
8. o município do Estado do Rio onde se faz a extração de sal:
(Angra dos Reis, Macaé, Parati, Cabo Frio, Campos);
9. o Estado do Brasil onde Duque de Caxias debelou a guerra civil:
(Minas Gerais, Paraíba do Norte, Goiás, Paraná, Mato Grosso);

10. a obrigação que dá ao homem direitos de cidadão brasileiro:
(ser estudioso, ser delicado, ser caridoso, ser registrado, ser trabalhador).

2.^a PARTE

Complete as frases abaixo, escrevendo o que falta, nas linhas pontilhadas:

11. A balança usada nas farmácias é a
 12. Atualmente o Brasil tem territórios.
 13. A guerra do Paraguai se deu no govêrno de
 14. O rio que forma a cachoeira de Paulo Afonso nasce na serra
 15. O ar expirado contém mais do que o ar inspirado.
 16. É na ilha de que fica a capital de um Estado da região norte.
 17. A matéria que dá a côr verde aos vegetais chamamos
- Total de pontos: 24 Pontos do examinando:

5.^a SÉRIE

a) LINGUAGEM

I

Leia, silenciosamente, com atenção, o trecho abaixo e responda às perguntas, nas linhas pontilhadas:

“A educação se propõe elevar o homem ao mais alto grau de perfeição a que podem atingir seu corpo, sua inteligência, seu sentimento e vontade, com o fim de assegurar-lhe o bem-estar, torná-lo útil à sociedade e prepará-lo para um mundo melhor.

Daí decorrerem, naturalmente, estas três divisões: a educação física, que tem por objeto a saúde, a força e a beleza; a educação moral que compreende a religião e desenvolve a piedade, a justiça, a bondade e a prudência; a educação intelectual, que cultiva o espírito e o enriquece de conhecimentos.”

1. Sob que aspectos se faz a educação?
2. Como se chama a educação dos sentimentos de caridade?
3. Em que consiste a educação intelectual?
4. Qual é o objetivo da Educação?

II

Leia, com atenção, o trecho que se segue, classificando nas linhas pontilhadas, segundo o número de sílabas, a acentuação tônica, a categoria gramatical, o gênero e o número, as palavras grifadas:

“O sol é o *alegre* mensageiro do dia. Sem a noite, sem o descanso do homem, o dia perderia *parte* de seu valor.”

- a) alegre
- b) parte

III

Destaque a oração principal do trecho abaixo e escreva, nas linhas pontilhadas, o que se pede:

“José deseja um automóvel que viu numa casa de brinquedos.”

- a) oração principal
- b) objeto direto da 1.^a oração
- c) sujeito da 2.^a oração
- d) predicado da 2.^a oração

IV.

Marque com uma cruz, no parêntese, a palavra ou expressão que indica:

11. uma palavra derivada (piano estradeiro, cigarro, ponte, sair).
12. prefixo que significa em baixo (infra — anti — hemi — sôbre — trans).
13. o sinônimo de elucidar (lustrar, esclarecer, favorecer, iluminar, brilhar).
14. o coletivo de camelos (cabido, conciliábulo, cambada, cáfila, corja).
15. o verbo abundante (cair, tingir, fugir, pular).
16. o grau superlativo absoluto sintético de salubre (salutaríssimo, saudalíssimo, salubérrimo, muito saudável, muito salubre).

17. a categoria gramatical de porém (verbo, preposição, interjeição, advérbio, conjunção).
 18. a classificação de dilatar e delatar (parônimos, sinônimos, antônimos, homônimos perfeitos, homônimos homófonos).

V

REDAÇÃO:

Faça uma carta, em resposta, à que vai abaixo, usando para tratamento a 2.^a pessoa do singular.

"Niterói, 20 de julho de 1948.

Querida amiga Júlia

Autorizada por meus pais, venho convidá-la para uma simples festinha, que se realizará em nossa casa, no próximo domingo, às 19 horas.

Constará a nossa festa de uma parte literária e de um baile. Não deixe de trazer suas irmãs. A nossa reunião revestir-se-á da máxima simplicidade.

Certa de que não deixará de comparecer, aqui ficam os meus agradecimentos antecipados.

Abraços de sua amiga

Maria."

Resposta:

.....

Total de pontos: 40

Pontos do examinando:

b) MATEMÁTICA

I

Resolva os problemas abaixo, fazendo os cálculos no espaço indicado e atendendo ao que se pede em cada um.

1. Se você colocar num Banco a quantia de Cr\$ 500 00, a 3% ao ano, que importância lhe deverão entregar, se você retirar seu dinheiro ao fim de 2 anos, 6 meses e 12 dias?

R.:

2. Se viajarmos 120 km em 5 dias, quanto tempo levaremos para percorrer
 360 000 m?

R.:

3. Uma caixa d'água que tenha o feitio de um cubo, medindo 3,1 m de lado, quantos hectolitros de líquido poderá conter?

R.:

Espaço para cálculos

Cálculos

4. Uma pirâmide tem por base um quadrado que mede 10 m de lado. A sua altura é de 15 m. Qual o volume?

R.:

5. Um terreno de 15 m de largura e 55 de comprimento foi comprado por Cr\$ 41.250,00; quanto se deverá pagar por 840 m² de um terreno, nas mesmas condições?

R.:

II

a) Efetue:

$$6) \left(\frac{5}{7} \times \frac{2}{5} \right) \left(\frac{4}{7} + 2 \frac{1}{5} \right)$$

$$7) 6^3 \times \sqrt{25} =$$

$$8) \text{ A metade do quántuplo de } 100 =$$

$$9) 10 \text{ litros d'água} = \dots\dots \text{ dag}$$

$$10) 3 \text{ inteiros} + 5 \text{ centésimos} + 2 \text{ 143 milésimos} =$$

Cálculos

Cálculos

11)

$$\frac{3}{5} = \frac{1}{2} \quad x =$$

$$\frac{x}{2} = \frac{3}{5}$$

$$12) 1 \text{ dam}^2 = \dots\dots \text{ dm}^2$$

$$13) 1 \text{ m} = \dots\dots \text{ km}$$

$$14) 23^2 = \dots\dots$$

$$15) 25 \text{ ares} = \dots\dots \text{ dam}^2$$

b) Responda:

$$16) \text{ Quais as frações decimais que correspondem a } \frac{16}{5} \text{ e a } \frac{4}{9}?$$

$$17) \text{ Quais os múltiplos do litro? } \dots, \dots, \dots$$

$$18) \text{ Qual a geratriz da dízima } 0,1818? \dots\dots$$

$$19) \text{ Qual a geratriz da dízima } 2,4288? \dots\dots$$

$$20) \text{ Que nome se dá aos números } 4 \text{ e } 5 \text{ na proporção } 2:4 :: 5:x? \dots\dots$$

$$21) \text{ Quantos graus valem um ângulo e seu complemento? } \dots\dots$$

- 22) Como se escreve em algarismos a seguinte quantidade: 15 milhões de cruzeiros e cinquenta centavos?
.....
- 23) Se um raio vale 1,5 m, a maior corda quanto mede?
- 24) O pentágono quantos lados tem?
- 25) Que valor dará ao algarismo representado por a , para que o número 543a8 seja divisível por 9? ..
- Total de pontos: 36 Pontos do examinando:

c) CONHECIMENTOS GERAIS

1.ª PARTE

Marque com uma cruz, no parêntese, a palavra ou a expressão que indica:

- o Marechal de Ferro ou o Consolidador da República:
(Hermes da Fonseca, Floriano Peixoto, Deodoro da Fonseca, Venceslau Braz, Prudente de Moraes);
- quem, pela primeira vez, realizou a viagem de circunavegação:
(Cristóvão Colombo, Vasco da Gama, Martim Afonso de Souza, D. Henrique, Fernão de Magalhães);
- o principal objetivo da Inconfidência Mineira:
(Independência, República, Abolição, Constituição, Bandeira Nacional);

- o tipo de terrenos impermeáveis e difíceis de lavar: (férteis, arenosos, calcáreos, argilosos, humosos);
 - o autor da teoria chamada Pan-Americanismo: (Roosevelt, Washington, Monröe, Lincoln, Jefferson);
 - o que importamos dos EE.UU., graças às nossas relações comerciais:
(arroz, batata, gasolina, chá, vinhos);
 - o nome do descobridor da vacina anti-variólica: (Jenner, Miguel Couto, Pasteur, Osvaldo Cruz, Vital Brasil);
 - a classe a que pertencem os carrapatos:
(miriápodos, aracnídeos, crustáceos, celentéreos, insetos);
 - o que produzimos, quando tiramos o ar do interior de um vaso:
(pressão, condição, mistura, vácuo, evaporação);
 - a causa da queda da produção agrícola no Brasil, após a proclamação da República:
(sesmarias, colonização, abolição, emigração, imigração).
- Complete as frases abaixo, com a resposta certa:*
- Chama-se ao conjunto de astros que, descrevendo elipses, giram em tórno do sol.
 - Um bastão parcialmente mergulhado n'água parece-nos quebrado por causa da

13. Ao sul dos EE.UU., no Oceano Atlântico, encontra-se a península da
14. e foram as cidades da Grécia que mais se notabilizaram.
15. Existe a com o fim de garantir a saúde dos portos.
16. Chama-se à distância que vai de um lugar ao meridiano de Greenwich.
17. foi quem representou o Brasil na II Conferência da Paz, em Haia.

Total de pontos: 24 Pontos do examinando:

§ 138) PARTICIPAÇÃO NAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES

A aluna-mestra precisa assenhorear-se do mecanismo das Instituições Escolares, que tão alto papel desempenham na Educação Renovada (vide o que falamos sobre "Instituições Escolares" no capítulo XVI, §§ 103 a 119). Para tanto terá que *estagiar* nesses organismos, sem o que os conhecerá apenas de forma teórica, não sabendo fazê-los funcionar.

138.1) No Clube de Leitura

A fim de colaborar no Clube de Leitura de maneira útil aos alunos e a si própria, deverá a aluna-mestra reservar uma parte razoável do seu tempo de estágio para trabalhar na biblioteca. Como dissemos no § 109, a biblioteca deve ser uma seção do Clube, uma atividade do Clube.

Nela, a estagiária ajudará na arrumação e catalogação das obras, assim como lerá os livros infantis que

puder, para certificar-se de seus assuntos e orientar as leituras das crianças. Poderá, igualmente, fazer pesquisas sobre os assuntos que interessam às aulas (tais como artigos de jornais e revistas, poesias, dramatizações, etc.), iniciando a organização do seu próprio arquivo didático.

Assim, quando chegar a ocasião de comemorar esta ou aquela data, já a professoranda saberá onde encontrar material adequado. Inúmeras vezes temos ouvido professoras declararem que "desejariam fazer escola *viva*, com cartazes, festas, comemorações, poesias, cânticos, música, danças folclóricas, etc., mas que não tinham material para esse fim nem sabiam como descobri-lo".

A resposta aí está: para as futuras professoras a pesquisa, colheita e organização de material deverá começar *na própria época do estágio*, principalmente na biblioteca do Clube de Leitura, antiga biblioteca da escola.

Enfim, as estagiárias ajudarão os alunos a escolherem os livros que levarão para leitura a domicílio.

138.2) No Centro Cívico

Nesta instituição a aluna-mestra ajudará os meninos a procurarem gravuras dos vultos nacionais e fatos históricos, a organizarem material para as comemorações cívicas, a prepararem as dramatizações, etc.

138.3) No Pelotão de Saúde

Junto ao Pelotão de Saúde a estagiária colaborará transmitindo aos "soldadinhos" conselhos e normas de higiene, através de conversa com eles, nos recreios.

Se a escola fornecer merenda ou sopa aos alunos, também a aluna-mestra poderá colaborar nessa iniciativa, orientando os monitores do Pelotão de Saúde na distribuição da mesma.

138.4) No Clube Agrícola

Muita coisa poderá fazer a aluna-mestra no Clube Agrícola:

a) Ler as publicações e folhetos existentes na biblioteca, a respeito das atividades rurais (preparo da terra, plantio, colheita, etc.), para ficar conhecendo um pouco o assunto;

b) Trabalhar juntamente com os meninos, sócios do Clube, nessas atividades, enterrando as mãos nos canteiros, para aprender a parte prática do ruralismo;

c) Participar das atividades de Indústrias Rurais, confeccionando, junto com os alunos, trabalhos em côco, chifre, bucha, bambu, contas, etc.

d) Participar das visitas e excursões com os alunos, a sítios, fazendas, usinas próximas.

e) Ajudar a organizar as reuniões do Clube, para a recepção de visitantes e comemorações das datas significativas (Dia da Árvore, Dia do Milho, Dia da Ave, Dia da Uva, Dia da Laranja, Dia do Algodão, etc.).

138.5) No Museu Escolar

Mostramos em capítulo anterior (vide § 115 do cap. XVI) qual a finalidade do Museu Escolar e como deve êle funcionar.

Não deve o Museu ser um simples repositório de cousas velhas, sem significação para os alunos, mas, ao contrário, apresentar o que há de mais típico na região e aquelas cousas que mais de perto falem ao coração da criança.

O trabalho da aluna-mestra junto ao Museu será, portanto, colhêr material, junto com as crianças, conversar com elas sôbre êsse material, classificá-lo e arrumá-lo.

É de conveniência que o Clube da Natureza tenha umas etiquetas para identificar os objetos, com espaço

para colocar o nome do objeto, sua origem e onde foi encontrado. A estagiária muito ajudará os sócios do Clube na tarefa de preencher êsses rótulos devidamente.

§ 139) FESTAS, EXPOSIÇÕES, VISITAS

A aluna-mestra precisa treinar na organização de festas, exposições e visitas, atividades indispensáveis na Educação Renovada. Não se compreende *escola viva* sem a realização dessas iniciativas. E para organizá-las precisa a futura professôra receber o indispensável treinamento, que obterá através dos seus estágios.

a) FESTAS — A aluna-mestra muito pode colaborar na organização das festas escolares, ajudando a professôra da classe a escolher números adequados, ensaiar os meninos, e, no dia da festa, fazer, como se diz, “as honras da casa”.

b) EXPOSIÇÕES — Igualmente poderá ela colaborar no preparo das exposições escolares, mas não no preparo do material a ser exposto, visto que êsse somente poderá ser confeccionado pelas crianças. Consistentemente poderá ser confeccionado pelas crianças. Constitui uma verdadeira *farsa*, uma fraude, colocar nas exposições escolares trabalhos feitos por professôres, pais de alunos ou profissionais, sob o nome das crianças.

c) VISITAS — A estagiária acompanhará a professôra de classe nas visitas e excursões com os alunos, colaborando no contrôle da disciplina, orientação e esclarecimento das crianças, aprendendo assim a aproveitar essa admirável fonte de ensinamentos e de Educação Social do aluno, que é a excursão.

Escusado é dizer que as visitas e excursões precisam ser bem planejadas, com antecedência, a fim de que funcionem, realmente, como um instrumento de educação.

§ 140) SECRETARIA E ESTATÍSTICA

Algumas horas do estágio da aluna-mestra deverão ser passadas na secretaria da escola primária de aplicação, a fim de que possa familiarizar-se com o mecanismo burocrático.

Uma das cousas com que nunca nos conformamos no sistema educacional em vigor foi essa de se enviar uma jovem professora inexperiente, recém-formada, para uma escola da roça, onde ela vai ser a única professora, e exigir-se que organize a secretaria, com vários livros de escrituração, o arquivo, os mapas estatísticos mensais, e mais uma série de cousas que ela nunca aprendeu, isto é, que *nunca lhe ensinaram!*

É indispensável, pois, que toda professora ao receber seu diploma, esteja apta a dirigir uma secretaria de escola e confeccionar os mapas estatísticos oficiais.

Lembremos este fato singular: nas grandes escolas há funcionárias de secretaria e a diretora apenas dirige o estabelecimento. Mas nas pequenas escolas, denominadas *isoladas*, que constituem a maioria em nosso país, a professora única dá aulas a todas as séries, cuida da secretaria e realiza a estatística. E exatamente para essa escola, onde uma só professora desempenha três ou quatro tarefas diferentes, é que se envia a nova mestra, inexperiente!

A fim de diminuir as dificuldades da nova professora, na escola isolada, é que julgamos imprescindível haver, no período de estágio, algumas horas destinadas à aprendizagem prática da administração escolar. (1)

(1) Isso sem prejuízo do "Curso de Administração Escolar" regular, já previsto em leis, para formar diretoras de grupos escolares, escolhidas entre as professoras com determinado número de anos de serviço.

Para facilitar a tarefa da nova professora, sugerimos que nas escolas isoladas haja os seguintes livros e pastas de secretaria (salvo determinação diferente das autoridades escolares estaduais ou municipais):

1. Livro de matrícula
2. Livros de chamada (um para cada série)
3. Livro de "têrmos de visita"
4. Livro de "registro do material"
5. Livro-caixa (se a escola receber verbas para custeio, limpeza, etc.)
6. Pasta de correspondência recebida
7. Pasta de cópias da correspondência enviada
8. Pasta de cópias dos mapas estatísticos mensais, preenchidos pela professora e enviados à autoridade escolar
9. Pasta de recortes do "Diário Oficial", com os decretos, portarias, circulares, etc., que interessem à escola
10. Pasta de "assuntos diversos".

141) TÓPICOS PARA DISCUSSÃO

1. Enumerar as principais atividades a desenvolver pela aluna-mestra, no estágio de participação.
2. Enumerar os principais trabalhos ou jogos que você poderá confeccionar para as aulas de Língua.
3. Idem, idem, de Matemática.

4. Idem, idem, de Geografia.
5. Idem, idem, de História.
6. Idem, idem, de Ciências Naturais.
7. Citar os principais cuidados que deve ter a estagiária:
 - a) Na confecção de provas.
 - b) Na aplicação de provas.
 - c) Na correção de provas.
8. Explicar de que maneira pode a estagiária participar da vida das Instituições Escolares.

§ 142) LEITURAS COMPLEMENTARES

1. AMARAL FONTOURA — “Sociologia Educacional”; volume II da Coleção “A ESCOLA VIVA”; Editora Aurora; 7.^a edição; Rio, 1960.
2. SCHMIEDER, A. J. — “Didactica General”; Madrid, 1932.
3. THOMAS, Frank W. — “Principles and Technique of Teaching”; Houghton Mifflin Co; New York, 1927.

CAPÍTULO XIX

O Estágio de Direção

§ 143) CONCEITO DE DIREÇÃO

Após o estágio de observação e o estágio de participação, surge o estágio de direção, que é o terceiro e último. Nêle, deve a aluna-mestra assumir a direção das atividades pedagógicas, a saber:

- 1.º) Dar uma aula em cada série;
- 2.º) Passar um dia inteiro com uma classe;
- 3.º) Passar uma semana inteira com uma classe, aplicando um “plano de trabalho”.

Essas atividades serão assistidas pelo professor de Prática de Ensino, pela professora da classe e por um grupo de colegas.

Todos preencherão as “fichas de anotação”, de que adiante falaremos.

§ 144) DIREÇÃO DE UMA AULA

A aluna-mestra já passou pelo menos um mês observando a professora de classe dar aulas. Já passou pelo menos outro mês colaborando com essa professora em tôdas as atividades de classe e nas Instituições Sociais da escola. Está apta, portanto, para o grande salto: enfrentar sôzinha uma turma de crianças — dar aula!

Num programa ideal de Prática de Ensino, esta terceira fase do estágio deveria incluir em média de 15 a 20 aulas a serem ministradas pela aluna-mestra.

No entanto, já nos contentaríamos que cada estagiária desse 10 aulas: duas em cada série, da 1.^a à 5.^a. O mínimo dos mínimos exigível seria *dar uma aula em cada série*.

O ritmo da aula, o roteiro a seguir, já foi abordado por nós nos capítulos do *Manejo de classe* (vide capítulos XIII a XVI).

1. Entrada em sala
2. Chamada
3. Início da aula
 - 3.1) Recapitulação do assunto anterior
 - 3.2) Motivação do novo assunto
4. Desenvolvimento da aula
 - 4.1) Minистраção da matéria nova
 - 4.2) Distribuição do material
 - 4.3) Fixação da aprendizagem
 - 4.4) Verificação da aprendizagem
5. Fim da aula
 - 5.1) Remate e síntese do assunto
 - 5.2) Exercícios para casa
6. Saída da sala.

Naturalmente o roteiro não é rígido, não se compõe obrigatoriamente de todas essas partes. A estagiária, conforme o interesse dos alunos e as circunstâncias do momento, pode estender-se mais sobre um item, abreviar ou pular outro.

§ 145) O PLANO DE UMA AULA

Qualquer que seja o roteiro a seguir pela aluna-mestra, uma coisa é absolutamente imprescindível: o *plano de aula*. Sem plano de aula não há Educação Renovada, não há técnica de ensino, não há ensino em bases científicas: há a permanência no sistema infelizmente ainda em vigor em certos lugares, da improvisação da aula, dada de qualquer maneira, do pro-

fessor que chega em aula e pergunta aos alunos: “onde é mesmo que nós havíamos parado?”

Sem plano de aula não pode o mestre dar aulas interessantes, salvo se fôr uma criatura excepcional. Não sendo interessantes as aulas, os alunos não prestam atenção. Não prestando atenção, vêm a agitação, a indisciplina, o “mau comportamento”, assim mesmo, escrito entre aspas, porque o mau comportamento é mais do professor que não prepara suas aulas do que dos alunos, vítimas daquelas preleções desenhadas e monótonas.

A aula bem preparada pelo professor em casa, bem planejada, interessante, é um dos princípios fundamentais da *escola viva*.

No capítulo sobre “Planejamento do Ensino” (vide cap. VI) já falamos sobre plano de aula, de maneira geral, oferecendo alguns modelos, para orientação da aluna-mestra. ⁽¹⁾

Note-se que um plano de aula não é coisa que se copie. Oferecemos ali aqueles planos apenas a título de sugestão. Cada aluna-mestra deverá obrigatoriamente formular seu próprio plano para cada aula que fôr ministrar.

A grande vantagem dos planos apresentados é que todos são reais, são brasileiros e foram realizados por professoras nossas em escolas de nosso país. São, portanto *experiência vivida*, e com os nossos meninos.

Salientamos esse fato porque alguns livros brasileiros, achando que “prata de casa não tem valor”, citam muitos exemplos de planos de aula de... escolas americanas.

Seria muito fácil ao autor deste livro *imaginar* planos de aula e descrevê-los aqui. Preferimos, no entanto apresentar planos reais, que existiram, que foram realizados em aulas. E com isso queremos também prestar

(1) Será conveniente também a leitura do volume VIII desta Coleção, intitulado “O PLANEJAMENTO NO ENSINO PRIMÁRIO”; Editora Aurora, Rio, 1960.

nossa homenagem às professoras brasileiras, que, apesar de tôdas as dificuldades, puderam executar tais planos, que aqui publicamos como exemplo e como estímulo para as dedicadas professoras patrícias.

§ 146) DIREÇÃO DE UM DIA ESCOLAR

Após ministrar várias aulas avulsas, a estagiária estará em condições de assumir a direção de um dia escolar, isto é, *passar um dia inteiro com uma classe*.

Esse dia inteiro, como se sabe, é muito curto no Brasil. Na maioria dos países europeus e nos Estados Unidos o dia escolar é de 6 horas; entre nós, porém, é apenas de 4 horas ou 4 horas e meia, nas escolas de dois turnos, e se resume em 3 curtíssimas horas, nas malfadadas "escolas de 3 turnos", escolas tipo cinema moderno, com "sessões contínuas"...

A aluna-mestra terá de preparar-se, pois, para passar quatro horas e meia na direção de uma classe.

No capítulo XIII, sobre "Manejo da classe", já apresentamos sugestões para a divisão do dia escolar. Claro que inúmeras combinações de horário podem ser feitas. Exemplo:

12 30 horas ..	—	Entrada
12,30 às 12,40	—	Forma, cânticos, hinos, avisos
12,40 às 13,20	—	1. ^a aula (Linguagem)
13,20 às 14,00	—	2. ^a aula (Leitura na biblioteca)
14,00 às 14,30	—	RECREIO
14,30 às 15,10	—	3. ^a aula (Matemática)
15,10 às 15,40	—	4. ^a aula (Ciências Sociais)
15,40 às 16 10	—	5. ^a aula (Recreação dirigida)
16,10 às 16,50	—	6. ^a aula (Ciências Naturais)
16,50 às 17,00	—	Forma, cânticos, hinos, avisos
17 horas	—	Saída.

Registramos aqui mais uma vez que não é esse o horário das nossas preferências, pois somos francamente a favor do *ensino globalizado*, sem divisão em

matérias. No entanto, reconhecemos que a globalização exige um alto grau de preparo didático, treinamento e desenvolvimento da personalidade da aluna-mestra que não podemos ainda esperar de muitas das nossas Escolas Normais, apesar de sua reconhecida boa vontade e esforço. Basta lembrar que uma aluna-mestra não conseguirá aplicar com êxito o ensino globalizado se não der pelo menos 15 aulas na Escola da Aplicação, fato que está longe de suceder...

Preferimos, pois, ficar dentro da realidade brasileira, e ajudar as alunas-mestras a darem boas aulas, pelo sistema tradicional da divisão em matérias, desejando que, tão cedo quanto possível passem a adotar o sistema globalizado.

Vejamos o que poderia a estagiária realizar nesse dia inteiro à frente da classe:

I) Formaria com a turma que lhe foi designada, cantando junto com os alunos.

II) *Linguagem* — De acôrdo com seu plano de aula, previamente estabelecido, a estagiária poderia iniciar com uma conversa que levasse ao assunto marcado para a aula (eis a *motivação*). A conversa levaria os alunos a escreverem frases no quadro-negro, de que a professoranda se aproveitaria para ensinar gramática aplicada (evidentemente dentro dos pontos do programa a serem abordados naquele dia). Através de diálogos com as crianças e numerosos exercícios, introduziria ela as noções novas desejadas.

III) *Leitura* — no segundo tempo de 40 minutos, os alunos seriam conduzidos à biblioteca da escola, para lerem determinado assunto, cada criança (ou grupo de 4 crianças) pesquisando em um livro. Os volumes a serem pesquisados já devem ter sido indicados previamente pela professoranda, para que não haja perda de tempo, pois, do contrário, os 40 minutos

seriam insuficientes até para os garotos encontrarem os livros que tratassem do assunto desejado.

Se não houver sala de biblioteca, a professoranda fará trazer os livros para a classe, e os meninos lerão em suas próprias carteiras.

Suponhamos que no 1.º tempo a estagiária havia abordado o tema “as borboletas”. Existe no livro “*Diário de Lúcia*”, de autoria dos ilustres professores JÚLIO CESAR DE MELO E SOUZA e IRENE DE ALBUQUERQUE e destinado à 4.ª série primária, uma leitura sobre “borboletas”. Então, no 1.º tempo teria sido esse o tema da aula de Linguagem, e agora, no 2.º tempo, as crianças iriam pesquisar outros livros que tratassem de “borboletas” (incluindo leituras, poesias e figuras, quer em livros de leitura, quer em obras literárias ou em revistas infantis); eis a hora da “leitura silenciosa”.

Rematando esta segunda aula, os alunos fariam um trabalho escrito (composição), sobre o assunto *borboletas*, dedicando a isso os últimos vinte minutos.

IV) *Recreio* — Das 14 às 14,30 horas, período consagrado ao recreio, a estagiária ficará com os meninos no pátio. A conversa deve ser amigável, informal, sobre assuntos não escolares (cinema, esportes, modas, acontecimentos em foco). Quanto a brinquedos, os alunos se sentem felizes e honrados se a professoranda participar com eles nos folguedos. A oportunidade será aproveitada para a Educação Moral e Social das crianças, conforme foi citado no cap. XIV.

V) *Matemática* — No citado livro “*Diário de Lúcia*”, os autores conseguem articular, com felicidade, o assunto “borboletas” com “circunferência e círculo”, passando a falar de “arco”, “corda”, “diâmetro”, etc. Com uma certa habilidade a professoranda passará de “borboletas” para operações com números inteiros, números ordinais, múltiplos de 3 e números divisíveis por 3.

VI) *Ciências Sociais* — No 4.º tempo, a estagiária abordará Geografia, História, Sociologia, Higiene. Se se tratasse de uma classe de 4.ª série, poderia ela passar de “borboletas” para “regiões do Brasil”, “flora e fauna brasileira”, “produções naturais”, “riquezas do Brasil”, “produção animal, vegetal e mineral”, pois todos esses são assuntos do programa oficial da 4.ª série primária.

Se quisesse, além de Geografia, abordar também História do Brasil, não seria fácil relacionar História com borboletas; mas nada impediria que a aluna-mestra pulasse de um assunto para outro e falasse sobre o ponto do programa em que a turma se encontrasse: “governadores gerais”, ou “transmigração da família real portuguesa”, ou “independência do Brasil”.

VII) *Recreação dirigida* — No 5.º tempo a estagiária poderia, durante 30 minutos, dar ginástica musicada, jogos, danças folclóricas, brinquedos cantados. Atualmente já existem vários livros sobre esse assunto, que até há bem pouco era o terror da professora, pois não havia onde aprendê-lo. Entre outros, podemos citar:

1. “Jogos Infantis”, Guia e coletânea publicada pelo Departamento de Educação da P.D.F., Rio, 1934.
2. “Educação Física no Curso Primário”, publicação do I.N.E.P. do Ministério da Educação, Rio, 1950.
3. MIRANDA, Nicanor — “Técnica do Jogo Infantil Organizado”; Dept.º de Cultura, São Paulo, 1940.
4. NOVAIS, Iris Costa — Vamos brincar de roda.
5. BEKER, Guiomar — Educação Física Infantil.
6. MIRANDA, Nicanor — 200 Jogos Infantis.

7. MELO MORAIS — Festas e Tradições Populares Brasileiras.
8. CASTRO, Zaide Maciel de — Jogos e Rondas Infantis — publicação do Dept.^o Nacional do SESI.
9. “Música para a Escola Elementar”, publicação do INEP, Rio, 1955.

É essencial que esses 30 minutos não sirvam apenas para “ginástica” nem para “jogos”, mas sim para Educação Artística, Educação Social e Educação Moral, conforme foi citado no capítulo V sobre “Educação Integral”.

VIII) *Ciências Naturais* — No 6.^o e último tempo, a estagiária abordará as Ciências Naturais, e então será fácil dar a aula partindo do tema central de Linguagem: “borboletas”. De uma conversa sobre “borboletas” se passa para “insetos”, para “animais úteis e nocivos”, “os 3 reinos da natureza”, etc. Detendo-se nos animais, a professoranda poderá conversar sobre “vertebrados e invertebrados”, sobre a divisão dos vertebrados em mamíferos, aves, répteis, batráquios e peixes. E certamente nessa altura os 40 minutos destinados à aula de Ciências Naturais já se terão escoado.

IX) Às 16,50 horas, finalmente, a estagiária acompanharia sua turma ao pátio, para a formatura, cantando juntamente com eles as músicas e hinos determinados. A seguir se despediria dos meninos, e estaria terminado esse glorioso primeiro dia de sua vida à frente de uma turma de alunos.

X) *Nota importante* — Não devemos ter a preocupação de “dar muita matéria”, para mostrarmos que temos grande cultura. Não é aconselhável andar “borboleteando” (já que estamos falando de borbole-

tas...) por 8 ou 10 assuntos diferentes, sem que as crianças consigam fixar-se em nenhum deles. É preferível deixar dois ou três assuntos só, bem explicados, do que oito assuntos, todos mal alinhavados, de corrida.

XI) *Verificação da aprendizagem* — A boa professora, após dar um assunto, verifica imediatamente se os alunos aprenderam aquilo, pois do contrário é inútil continuar para frente. A verificação da aprendizagem, no caso presente, seria feita nos minutos finais de cada aula de Linguagem, Matemática, Ciências Sociais e Ciências Naturais. Consistiria na aplicação de *jogos* para Linguagem e Ciências Sociais e de *testes* para Matemática e Ciências Naturais.

XII) *Preparação do material* — Claro é que a professoranda já teria preparado com antecedência, em casa ou na aula de Prática de Ensino, o indispensável material para aqueles dois jogos e dois testes. Da mesma forma já deverá ter preparado todo material visual, todos os *recursos áudio-visuais* a serem apresentados como ilustração às aulas, a saber: cartazes, gravuras, mapas, gráficos, figuras tiradas de revistas, cartões postais, objetos diversos.

§ 147) A CRÍTICA DE TERCEIROS

Na primeira fase do estágio — *Observação* — a aluna-mestra esteve assistindo às aulas dadas pela professora de classe e fazendo as suas anotações, para posteriormente criticar a aula.

“Criticar” é empregado aqui no bom sentido: não significa “censurar”, de maneira nenhuma, mas sim “discutir”, “interpretar”, “comentar”.

Na terceira fase invertem-se os papéis: — é a aluna-mestra quem vai dar aula, e a professora da classe quem vai assistir, anotar e criticar (também no bom sentido).

Mas não é só a professora da classe que vai presenciar a aula: também deverão estar presentes, observando e fazendo suas anotações, o professor da cadeira de Prática de Ensino e as colegas (ou pelo menos um grupo de colegas) da aluna-mestra.

Não precisamos dizer qual deva ser a atitude do professor de Prática e da mestra de classe: vamos referir-nos apenas às alunas-mestras; estas devem assistir à aula silenciosamente, espalhadas junto às paredes da sala de classe, tomando suas notas sem fazerem nenhum comentário entre si, o que muito iria perturbar a aula da colega.

Terminada a aula, então, de volta à sala de Prática de Ensino, é que as alunas-mestras se reunirão, passarão suas anotações para a ficha especial (vide abaixo) e comentarão as várias passagens dignas de nota. Na presença da estagiária que deu a aula, o professor de Prática pedirá que as outras alunas-mestras leiam suas anotações, travando-se a discussão a respeito.

Podemos afirmar, com a segurança de nossa experiência, que esse sistema de controle e críticas oferece à aluna-mestra um grande caminho para seu aperfeiçoamento, permitindo-lhe sair da Escola Normal com ótimo cabedal no terreno da Didática, e muita confiança em si mesma.

1 148) FICHA ESPECIAL DE ANOTAÇÕES

Falamos, linhas acima, que o professor de Prática, a professora de classe e as alunas-mestras, ou um grupo delas, deveriam preencher uma ficha especial de anotações, sobre a aula dada pela estagiária. A fim de haver uniformidade nos registros feitos, e assim possibilitar a comparação entre os mesmos, costuma-se estabelecer um modelo especial de ficha com esse objetivo.

Eis o modelo de ficha usado em algumas Escolas Normais do Estado do Rio de Janeiro:

Matéria
Aula n.º dada por
Ponto do Programa Oficial)
Data/...../.....

- | | Julgamento |
|--|------------|
| A) PLANO DE AULA | |
| 1. Clareza e precisão do objetivo. | |
| 2. Unidade orgânica do plano. | |
| 3. Adequação do plano ao nível mental da classe. | |
| 4. Adequação do plano ao tempo disponível. | 2,5 |
| B) CONTEÚDO DA AULA | |
| 5. Qualidade (exatidão) da matéria dada. | |
| 6. Quantidade (extensão) da matéria dada. | |
| 7. Qualidade das experiências e exercícios. | |
| 8. Quantidade das experiências e exercícios. | |
| C) TÉCNICA DO ENSINO | |
| 9. Motivação adequada na apresentação do assunto. | |
| 10. Articulação do assunto com os conhecimentos prévios da classe. | |
| 11. Adequação do método empregado. | |
| 12. Emprego adequado do material didático e do quadro negro. | |
| 13. Empenho em obter a participação ativa da classe. | |
| 14. Empenho em garantir a atenção e o aproveitamento da classe. | |
| 15. Empenho em verificar o aproveitamento da classe. | 2,5 |
| D) ATITUDE DO ALUNO MESTRE | |
| 16. Domínio sobre si mesmo e naturalidade. | |
| 17. Habilidade e expediente. | |
| 18. Entusiasmo e força motivadora. | |
| 19. Coerência e correção de linguagem. | |
| 20. Clareza e adaptação da linguagem ao nível da classe. | |
| 21. Adequação da voz; intensidade e velocidade. | 2,5 |
| E) REAÇÃO DA CLASSE | |
| 22. Interesse e atenção. | |
| 23. Participação ativa. | |
| 24. Disciplina. | |
| 25. Aproveitamento. | 2,5 |

NOTA — A cada um dos itens acima será atribuído um valor entre zero e 4 correspondendo a seguinte tabela: Zero — péssimo; 1 — insuficiente; 2 — suficiente; 3 — bom; 4 — excelente. A nota da aula será a soma destes resultados parciais.

Apresentamos a seguir o modelo de ficha usado no Instituto de Educação do Estado da Guanabara:

FICHA DE JULGAMENTO

Professoranda

I) Plano de aula:

- a) Unidade do plano
- b) Adequação do nível da classe
- c) Assunto:

- 1. Precisão do objetivo
- 2. Adequação ao tempo disponível

d) Motivação

II) Desenvolvimento da aula:

a) Conteúdo:

- 1. Quantidade e qualidade da matéria
- 2. Qualidade e quantidade dos exercícios

b) Técnica:

- 1. Processos didáticos adequados
- 2. Uso do material (incluindo o quadro-negro)
- 3. Empenho em obter a participação ativa dos alunos
- 4. Aproveitamento de oportunidades
- 5. Aproveitamento do tempo
- 6. Preocupação com a formação de hábitos e atitudes

III) Reação da classe:

- a) Interêsse e atenção
- b) Disciplina
- c) Aproveitamento

Data

.....
Assinatura do observador

Para dar maior objetividade às anotações, vamos, esclarecer o significado de cada item, evitando quaisquer dúvidas:

1. *Unidade do plano* — Se o plano, todo êle, obedece a uma diretriz geral, não saltando de um assunto para outro que nada tenha a ver com o primeiro (na mesma aula).

2. *Adequação ao nível da classe* — Se a aula dada pela estagiária está de acordo com o adiantamento da turma e seu provável nível mental. (Por exemplo: uma aula de 3.^a série pode estar bem adequada a uma turma “adiantada” e inadequada a outra turma, “atrasada”, da mesma série).

3. *Precisão do objetivo* — Todo plano de aula tem um objetivo, aquilo que o professor deseja transmitir aos alunos. Para que a aula atinja os objetivos, é preciso que êstes sejam bem claros e precisos. Exemplo de falta de precisão: “*Objetivos — Aprendizagem de noções de História*”. Exemplo de precisão: “*Objetivo — conhecimento da Independência do Brasil*”.

4. *Adequação ao tempo* — A duração da aula é previamente estabelecida. Por exemplo: 40 minutos. Então a aluna-mestra deverá dar a aula tôda nesse período de tempo, sendo considerado falta ou falha não conseguir encaixar o plano de aula dentro do tempo disponível.

5. *Motivação* — É um dos itens mais importantes a apreciar. Sem uma boa motivação nenhuma aula será boa por melhores que sejam todos os demais recursos técnicos empregados. Considera-se boa motivação aquela que com facilidade domina, conquista os alunos.

6. *Quantidade e qualidade da matéria* — Se a matéria ministrada não foi demasiada, tornando a aula

muito pesada, ou se não foi pouca demais, tornando a aula pouco útil.

7. *Qualidade e quantidade dos exercícios* — Se os exercícios levados a efeito, para fixação da matéria nova, não foram em número grande demais, ou pequeno demais, e se foram bem escolhidos para alcançar seu objetivo.

8. *Processos didáticos empregados* — Se foram adequados ao nível da turma e ao assunto da aula. Usando a palavra em sentido rigoroso, só existem dois grupos de processos: os *processos indutivos e os dedutivos*. Mas usando o termo de maneira mais larga, podemos aí incluir as formas e os modos de ensino. As *formas de ensino* tradicionais são a expositiva e a interrogativa; as modernas são: a) Discussão ou debate, b) Jogos educativos, c) Pesquisas, d) Experiências, e) Dramatizações, f) Instituições Escolares. Quanto aos *modos de ensino* são 3: o modo individual, o modo simultâneo (que é o comumente levado a efeito em tôdas as escolas) e o modo mútuo ou lencasteriano, já inteiramente abandonado: cada um ensina a outro. Dentro do sistema de *Educação Renovada* que preconizamos, devem ter preferência as formas de ensino modernas, citadas nas letras a) a f) acima.

9. *Uso do material* — Se a aluna-mestra levou algum material para ilustrar e tornar mais interessante a aula; se esse material estava bem correlacionado com a matéria a ensinar. Se a estagiária soube usar esse material durante a aula, tirando dêle todo proveito. Nesse material se inclui o *quadro-negro*, que é, de fato, uma das peças principais do equipamento didático. Verificar se a aluna-mestra soube servir-se adequadamente do quadro, dentro da técnica indicada (vide neste livro "uso do quadro-negro", no cap. XIV, § 90).

10. *Participação ativa dos alunos* — Se a professoranda se esforçou bastante para conseguir a participação ativa dos alunos na aula, participação essa que a *Escola Viva* considera absolutamente indispensável. Se realmente conseguiu essa participação (porque poderia esforçar-se bastante e não o conseguir). Essa participação se mede através do diálogo vivo que deve existir entre a professoranda e os alunos, durante tôda a aula, assim como através do entusiasmo, do interesse, das perguntas feitas pelas crianças. Finalmente, a participação se mede também através das experiências, demonstrações e trabalhos feitos pelos alunos no decorrer da aula.

11. *Aproveitamento de oportunidades* — Se a professoranda soube aproveitar-se dos princípios do *ensino ocasional*, isto é, das circunstâncias do momento, capazes de tornar a aula mais interessante, tais como a chuva, ou o vento, ou um gato que aparece na sala, ou um acontecimento ocorrido naquele dia, ou um assunto que esteja "na ordem do dia", na moda.

12. *Aproveitamento do tempo* — Se a aluna-mestra soube aproveitar bem os 40 minutos da aula, não perdendo demasiado tempo com "introduções" ou "explicações" fastidiosas, falando demais para dizer cousas que poderiam ser ditas em poucas palavras.

13. *Formação de hábitos e atitudes* — Este é outro item importante para a *Educação Renovada*, que insiste na necessidade de a escola não se limitar a dar "ensino", "instrução", "conhecimentos intelectuais", mas também cuidar da *formação* de seus alunos. Dar *formação* moral e social significa despertar hábitos e atitudes necessários à vida humana e à vida em sociedade. Por exemplo: o hábito de cumprir, a atitude de respeito à opinião alheia, de respeito aos regulamentos estabelecidos, de cortesia, de civilidade, de responsabilidade, etc.

14. *Interesse e atenção dos alunos* — Se a aluna-mestra conseguiu prender a atenção e o interesse dos alunos, durante o tempo todo, através da *vivacidade da aula*, sem ter necessidade de a cada momento reclamar: “*prestem atenção, meninos!*” A falta de atenção das crianças é resultado da falta de interesse da aula, da sua monotonia. Quando estamos no cinema, assistindo um filme interessante, não é necessário que ninguém nos mande “prestar atenção”. O mesmo acontece num jogo de futebol, num programa de rádio ou numa conversa entre conhecidos: desde que o assunto seja interessante para quem assiste, a atenção surge naturalmente, sem precisar que ninguém diga: “preste atenção!” O problema da falta de atenção dos alunos em aula é, portanto, um problema *do professor*, dependendo da sua capacidade, simpatia pessoal, atração, maneira agradável de abordar os assuntos.

15. *Disciplina* — Tudo quanto dissemos acima sobre “atenção e interesse” vale também para disciplina. Em qualquer classe de meninos normais, a disciplina é muito mais um problema do mestre do que dos alunos. Há casos de crianças infelizes, revoltadas, que “descarregam” na escola seus recalques trazidos de casa. São casos que o professor precisará encarar separadamente, fora da aula. Aliás, não são casos para o professor de classe resolver, mas sim para os órgãos especializados: o Serviço de Orientação Educacional e o Serviço Social Escolar; o mestre só deve tomar conta do caso na ausência daqueles órgãos. Mas, fora desses casos, a disciplina é muito mais consequência de professores inábeis do que de alunos maus (vide tudo quanto dissemos sobre Disciplina Escolar, no capítulo XI).

16. *Aproveitamento* — Esse último item na ficha de julgamento é muitas vezes deixado de lado, ou porque os observadores não tiveram ocasião de verificar o aproveitamento dos alunos, ou porque já ficaram

cansados de responder a tantos quesitos, ou porque acharam a aula “linda”, “muito bem dada” e consideram esse item de pouca valia. Ora, a verdade é que todo ensino gira em torno do *aproveitamento*, isto é, da *aprendizagem* do aluno. Se não houve *aprendizagem*, não existiu *ensino*. Todo mecanismo da escola, isto é, professor, aparelhamento, aulas, material, jogos, tudo existe com a finalidade única de fazer a criança educar-se. Se a criança não se educou, a escola fracassou. No ambiente da sala de aula, a mesma coisa acontece: se o aluno não aprendeu, a aula falhou rendidamente. Portanto, não houve “aula bem dada” se os meninos não aproveitaram. Em síntese, o que mede o valor da aula é a *aprendizagem*, o aproveitamento dos alunos. E nas aulas experimentais, ministradas pelas alunas-mestras, é indispensável que se faça, como coroamento, a *verificação da aprendizagem*, mesmo que de forma rápida, através de alguns testes, para que os observadores possam certificar-se do valor final dessas aulas.

§ 149) CRITÉRIO DE JULGAMENTO

Todo esse aparato de dois professores e numerosas colegas assistindo a aula da aluna-mestra não tem por fim a aula em si, mas o desejo de criticar a estagiária, a fim de que sua atuação possa melhorar.

De nada adianta, pois, o preenchimento de numerosas “fichas de julgamento” se não chegarmos a conclusões objetivas, que possam contribuir para o progresso da aluna-mestra.

Sugerimos, por isso, que os vários itens da ficha de julgamento sejam valorizados, isto é, transformados em notas, em índices numéricos, que possam ser comparados entre si e dos quais se possa tirar a média. Tal critério dará muito maior validade, segurança, e, numa palavra, *expressividade* ao julgamento.

Planejamos o modelo de ficha à página seguinte, em que cada observador lançará as notas de acôrdo

MAPA DE JULGAMENTO

Data da aula/..... 19

Professoranda

ITENS A OBSERVAR	Prof. de	Prof. de	Prática	1.ª Observ.	2.ª Observ.	3.ª Observ.	4.ª Observ.	5.ª Observ.	6.ª Observ.	MÉDIA EM	PONTOS	MÉDIA EM
	classe	classe	de							NOTAS		
1. Unidade do plano												
2. Adequação ao nível da classe												
3. Precisão dos objetivos												
4. Adequação ao tempo disponível ..												
5. MOTIVAÇÃO												
6. Quantidade e qualidade da matéria												
7. Qualidade e quantidade dos exer-												
cícios												
8. Processos didáticos utilizados ...												
9. Uso do material												
10. Participação dos alunos												
11. Aproveitamento de oportunidades.												
12. Aproveitamento do tempo												
13. Formação de hábitos e atitudes ..												
14. Interêsse e atenção dos alunos ...												
15. Disciplina												
16. Aproveitamento dos alunos												

com o que julgou. A fim de evitar que as notas de um observador possam influenciar o espírito de outro, recomendamos que todos os observadores lancem primeiro suas notas num pedaço de papel, as quais em seguida serão copiadas para o mapa de julgamento.

A valorização de cada item será em cinco graus: ótimo, bom, regular, deficiente e muito deficiente, a saber:

Ótimo	4
Bom	3
Regular ou médio	2
Deficiente	1
Muito deficiente (ou ausente)	0

Colocamos, assim, dois graus acima do *regular* ou *médio* e dois graus abaixo do mesmo.

Considerando-se que são em número de 16 os itens abordados, uma aluna-mestra que conseguisse dar aulas *ótimas* sob todos os pontos de vista, receberia um total de 64 pontos. Esse total equivaleria à nota 100.

Então, para transformarmos qualquer número de pontos em notas na escala de zero a 100 a que estamos acostumados na escola, basta fazer a proporção

$$64 : 100 :: n.º \text{ de pontos} : x$$

Exemplo: se a aluna-mestra obteve de um observador 46 pontos, isso equivale à nota 71 (ou, se preferirmos usar a escala de zero a 10, à nota 7,1).

Em suma, é só multiplicar o número de pontos atribuídos pelo observador por 100 e dividir o resultado por 64.

As notas entre 7 e 10 indicam que os observadores acharam que a aluna-mestra trabalhou como uma verdadeira mestra. As notas entre 5 e 6,9 designam uma atuação regular. Notas inferiores a 5 indicam que a aluna-mestra ainda está muito fraca.

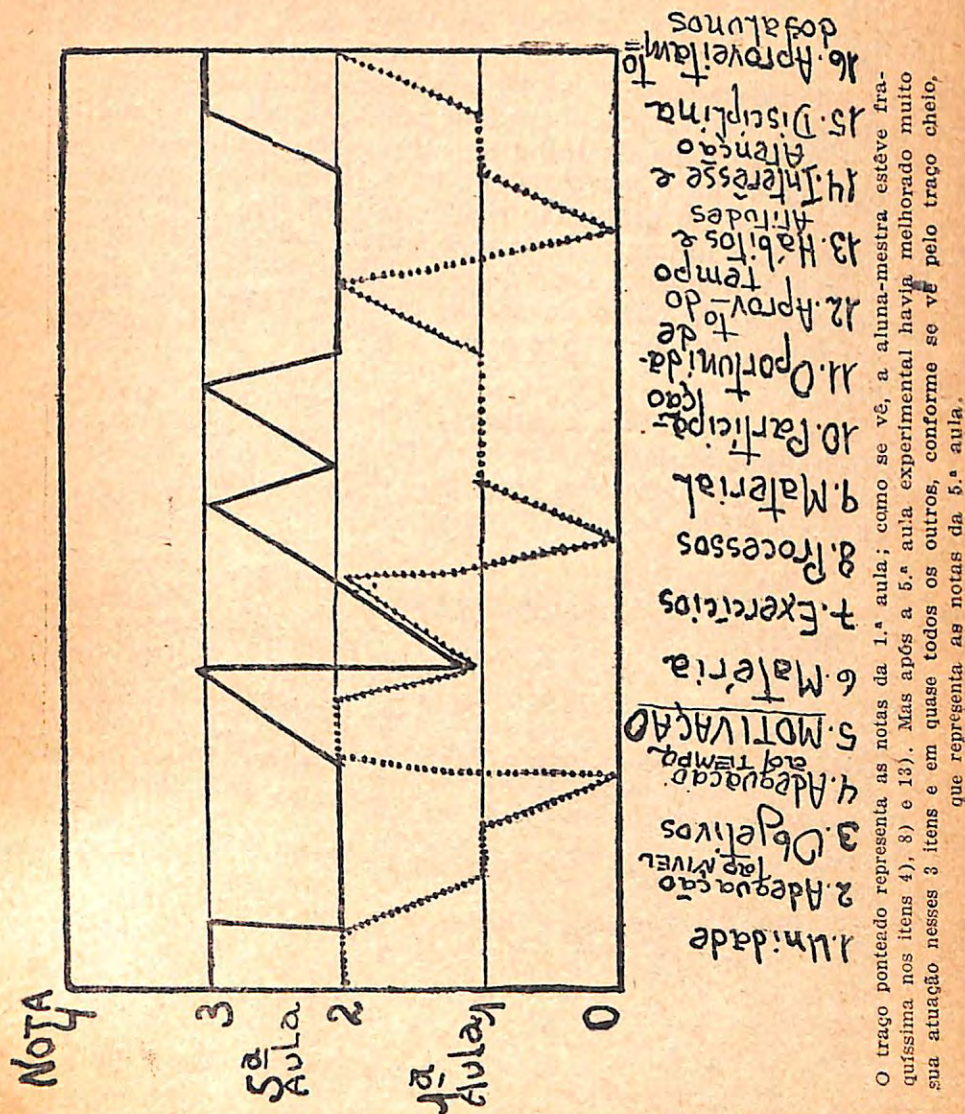
Não se trata de um *prognóstico*: "a aluna tirou nota 8, então será ótima professora; obteve nota 4, então será péssima professora". Não é absolutamente assim! A nota 8 significa que sua aula foi muito boa e que *se der aulas sempre assim* será boa professora. A nota 4 significa que a estagiária deu uma aula muito fraca e que precisa esforçar-se mais, podendo, de futuro, vir a ser uma professora até ótima, desde que supere as deficiências demonstradas. Exatamente para isso é que existem os estágios, as aulas experimentais, e, numa palavra, a Prática de Ensino...

Observações: na 1.^a coluna lançará suas notas a professora de classe, na 2.^a coluna, o professor da cadeira de Prática de Ensino. As 6 colunas seguintes serão destinadas às alunas-mestras que observarem a aula da sua colega.

Somando-se o número de pontos atribuídos por esses 8 observadores, e dividindo-se por 8, verifica-se a média obtida pela professoranda *em pontos*, isto é, naquela escala de 1 a 64 a que nos referimos na página anterior. Lança-se essa média *em pontos* na 9.^a coluna. Finalmente, transforma-se esse total de pontos em nota da escala usada nas escolas, que é de 0 a 10 (ou de 0 a 100), usando o processo também descrito na página anterior (total de pontos $\times 100$, dividido por 64) e chega-se à *média em nota* na escala 0 a 10, que é o que se lança na décima coluna. E a professoranda fica tendo um quadro bem nítido de sua atuação, segundo a opinião de 8 observadores, dos quais dois professores e seis colegas!

§ 150) GRÁFICO DE JULGAMENTO

Para se ter uma idéia mais concreta do valor e da qualidade do trabalho da aluna-mestra, poder-se-á transformar o resultado do *mapa de julgamento* num



gráfico, que tem a grande vantagem de "entrar pelos olhos a dentro", calando mais no espírito.

Para êsse fim, a aluna-mestra marcará no gráfico da página anterior o número de pontos obtidos em cada um dos 16 itens da fôlha de observação, unindo-os, e obtendo assim o *perfil* da sua aula. Essa linha poderá ser traçada em prêto. No fim do estágio, isto é, ao ministrar sua última aula experimental, poderá a aluna-mestra novamente conseguir o julgamento daquelas pessoas, e, de posse das notas obtidas, traçar um segundo *perfil*, sôbre o mesmo gráfico, em tinta vermelha.

Essa iniciativa resultará interessantíssima, pois mostrará se a aluna-mestra, graças às observações recebidas da primeira vez, conseguiu superar suas deficiências e elevar-se no número de pontos obtidos.

§ 151) A CADERNETA DE PRÁTICA

Desde que se deseje transformar a cadeira de "Prática de Ensino" em algo de realmente prático, dando-se aos estágios da aluna-mestra tóda importância que devem ter, faz-se mister a criação de uma *Caderneta de Prática*, onde a futura professora registre paulatinamente tudo que ocorrer nos seus períodos de estágio.

A *Caderneta de Prática* deverá conter:

- I) Cuidadoso registro das aulas a que a aluna-mestra assistir, como observadora:
 - a) Nas classes da Escola Primária de Aplicação;
 - b) Em classes de outras escolas primárias da localidade;
 - c) Em Jardins de Infância, Escolas Típicas Rurais e Escolas Especiais;

- d) Anotações sôbre o que observar nos órgãos de administração que visitar.
- II) Anotações sôbre seu estágio de participação, a saber: esclarecimentos a respeito da confecção de material, jogos, organização de provas, funcionamento das Instituições Sociais da escola, confecção de mapas estatísticos e organização de secretaria (que por acaso não figurem no livro adotado).
 - III) Registro do estágio de direção, a saber:
 - a) Planos de aula (das aulas experimentais que fôr ministrar);
 - b) Anotações sôbre as aulas experimentais ministradas pelas suas colegas;
 - c) Anotações sôbre quaisquer outros assuntos referentes a êsse estágio.

Desejando dar uma forma realmente prática e útil a essa importante "*Caderneta de Prática*", um grupo de professores da cadeira de "Prática de Ensino" do Instituto de Educação do Estado da Guanabara resolveu publicar uma "*Caderneta*" já com todos os itens impressos, bastando à estagiária preencher os claros.

Trata-se de admirável trabalho das distintas colegas BRISOLVA DE BRITO QUEIRÓS, HAYDÉE GALLO COELHO, CIRCE DE CARVALHO PIO BORGES, IRENE DE ALBUQUERQUE e JOSEFINA DE CASTRO E SILVA GAUDENZI, que merecem, por isso, todo nosso aplauso, pois vieram ordenar, metodizar e racionalizar os estágios.

A "*caderneta*", que, na realidade é um livro, chama-se "*Prática do Ensino Primário*", tendo como sub-

título: “*Diário de Atividades da Professoranda*”, e sua adoção muito se recomenda a tôdas as Escolas Normais que desejem dar a necessária ênfase à formação prática de suas alunas.

§ 152) TÓPICOS PARA DISCUSSÃO

1. Quais os cuidados prévios que deve ter a estagiária quando vai dar sua primeira aula?
2. Que é plano de aula? De que partes ou itens deve ser formado?
3. Imagine e formule um plano de aula sôbre assunto qualquer, à sua escolha, para uma classe de 1.^a série.
4. Idem, idem, de 2.^a série.
5. Idem, idem, de 3.^a série.
6. Idem, idem, de 4.^a série.
7. Idem, idem, de 5.^a série.
8. Explique, de maneira geral, o que poderia você fazer, na sua aula experimental, a respeito de cada um dêstes assuntos: a) Linguagem, b) Leitura, c) Recreio, d) Matemática, e) Ciências Sociais, f) Recreação Dirigida, g) Ciências Naturais.
9. Explicar quais os principais cuidados que a estagiária deve ter, quando vai apreciar a aula experimental de uma colega e quais os itens a registrar na “ficha de observação” sôbre aquela aula.

10. Explicar a importância do estágio de direção, isto é, das *aulas experimentais* dadas pela professoranda.
11. Explicar quando, onde e como devem ser ministradas essas aulas experimentais.
12. Dizer que se entende por *ficha de julgamento* e como deve a mesma ser organizada.
13. Traçar o gráfico de suas aulas experimentais, de acôrdo com o modelo apresentado neste capítulo (vide página 383).
14. Passar em revista os 16 itens da ficha de julgamento, fazendo sua *auto-crítica* e verificando aquêles pontos em que se encontra mais fraca, para tratar de superá-los.

§ 153) LEITURAS COMPLEMENTARES

1. BURTON, K. H. — “The Nature and Direction of Learning”; New York, 1929.
2. MATOS, Luiz Alves de — “Objetivos e planejamento do ensino”; Editora Aurora; Rio, 1957.
3. QUEIROZ, Brisolva de Brito & outras — “Prática do Ensino Primário”; Editora Conquista; Rio, 1957.
4. THOMAS, Frank W. — “Principles and Technique of Teaching”; Houghton Mifflin Co; New York, 1927.

3.^a PARTE

Iniciando o Magistério

O roteiro a seguir pela nova professôra

Minha filha:

Você acaba de terminar a 3.^a série do Curso Pedagógico e, em meio a emocionante solenidade, recebeu seu diploma de professôra. Que linda e inesquecível solenidade! Que título bonito: PROFESSÔRA! Como você esperava ansiosamente por êsse diploma!

No entanto, não tenha ilusões: o título não fará de você boa professôra. O que lhe permitirá ser mestra eficiente e cumprir o juramento sagrado que você pronunciou, será o seu trabalho diário, cada dia recomeçado com disposição, amor e dedicação.

Já mostramos, em nosso livro de "Didática Geral" (1), quais as qualidades necessárias para ser bom professor. Aqui vamos encarar o problema prático: — que atitudes deve ter, que cousas deve fazer o professor para ser eficiente, no exercício diário do magistério?

O que vamos apresentar a seguir, pois, é uma espécie de *vade-mecum*, isto é, de roteiro, de guia para a vida diária dos novos mestres. Êste roteiro é a síntese de tudo quanto ficou dito nas páginas anteriores do presente volume. Cada um dos itens do nosso decálogo se refere a assuntos explanados nos capítulos precedentes. Apenas os mencionamos entre parêntese, pois, do contrário, iríamos nesta 3.^a parte repetir tudo quanto dissemos na 2.^a. Caberá ao leitor voltar àquelas páginas mencionadas, para recapitular todo assunto, aqui sinteticamente apresentado.

(1) Vide nossa "Didática Geral", volume IX desta coleção "A ESCOLA VIVA", Editôra Aurora, Rio, 1960.

DECÁLOGO DA ESCOLA VIVA

1. Ter e demonstrar amor à criança.
2. Dedicar-se à sua classe e à sua escola.
3. Fazer de sua classe (ou da sua escola) uma comunidade, uma sociedade em miniatura (socialização do aluno).
4. Não se contentar em "dar o programa", mas sim ter o cuidado de educar a criança (ministrar Educação Integral).
5. Ter a constante preocupação de fazer "ESCOLA VIVA", seja na classe, nos corredores, no recreio, na entrada ou na saída.
6. Fazer da sua escola uma fonte permanente de alegria.
7. Tornar suas aulas tão interessantes e atraentes quanto possível.
8. Fazer "ensino planejado", usar os métodos ativos e, sobretudo, o "plano de trabalho".
9. Dar o máximo desenvolvimento possível às Instituições Sociais da escola.
10. Participar com simpatia da vida da comunidade.

Examinaremos de perto, a seguir, cada um desses itens:

1) TER E DEMONSTRAR AMOR À CRIANÇA

1.1) Ninguém poderá ser bom professor se não possuir amor à criança (vide cap. II, §§ IX e X).

1.2) Para ser boa professora é preciso ser um pouco mãe.

1.3) Lembre-se que esses garotos confiam em você, e estão entregues, pelo Estado e pela família, nas suas mãos. Não os decepcione!

1.4) Os alunos mais pobres, mais abandonados, mais sedentos de amor são exatamente os que mais precisam de você.

1.5) Ame seus alunos e deixe que eles a amem.

1.6) Não basta ter amor à criança: é preciso que você demonstre esse amor, por palavras e atitudes. Não faça como alguns pais que não demonstram amor a seus filhos "para não dar confiança".

1.7) Tenha sempre presente: o amor é a maior força da educação. Que Dom Bosco seja o nosso modelo e a sua "Pedagogia do Amor" a nossa força.

1.8) É preferível ser amado do que temido.

2) DEDICAR-SE À SUA CLASSE E À SUA ESCOLA

2.1) Se no primeiro mandamento você deve *dar-se* um pouco à criança, neste segundo você deve dar um pouco de si à classe e à escola.

2.2) Nenhum profissional é bom se trabalha apenas a trôco de dinheiro e exclusivamente cumpre as obrigações da sua profissão.

2.3) Jamais será bom professor aquele que faz

do magistério apenas um emprêgo, um “ganha-pão”. É preciso ter prazer em ser mestre. É indispensável que você se sinta feliz dentro da sua classe, da sua escola.

2.4) Isso significa que você não pode todo dia chegar “um pouquinho mais tarde” e sair “um pouquinho mais cedo”. Você deve ter prazer em chegar um pouco antes ou sair um pouco depois, para “ver qualquer coisa”, examinar cadernos, preparar material, ou, simplesmente conversar com as crianças.

2.5) Nunca diga como aquela sua colega: — “Eu sou professora é na escola; do portão para fora, não quero mais saber de ensino, nem de aluno, nem de escola”.

2.6) O bom professor vive pensando na escola, que é *a sua obra* e deve fazer parte *da sua vida*. Por isso, onde quer que vá, procura conseguir material para a escola, seja nas exposições, nos laboratórios, nas editoras, nas indústrias, nas repartições, nas viagens que faça, ou seja ainda recortando jornais e revistas, pedindo aos amigos revistas velhas, que não têm mais valor para eles.

2.7) Recortes de jornais, revistas, gravuras devem ser colecionados em pastas, por assuntos, para quando um dia forem necessários à ilustração de uma determinada aula (vida a respeito o capítulo XIV, § 87).

3) FAZER DA SUA CLASSE UMA COMUNIDADE

3.1) A escola só poderá “formar a personalidade da criança” se se transformar numa comunidade, numa sociedade em miniatura (cap. IV, §§ 19 a 22).

3.2) Para isso, o professor precisa interessar os alunos em todos os problemas da escola e interessar-se por todos os problemas deles.

3.3) As crianças devem *participar* intensamente da vida da escola em todos os seus detalhes. Mais ainda, o mestre tem de fazer os meninos sentirem que *a escola é deles* (vide cap. X, §§ 52 a 55).

3.4) Esse “slogan” dará ensejo a que o mestre ensine a própria essência da vida em comunidade: — quando uma coisa pertence à coletividade, cada membro dessa coletividade é dono dela, mas nenhum deles pode destruí-la nem usá-la para fim que não seja o pré-estabelecido.

3.5) Exemplo: o jardim da praça é do povo, mas ninguém tem o direito de levar um banco para sua casa, nem de arrancar uma árvore do mesmo.

3.6) A noção de comunidade traz em seu bôjo a de *responsabilidade*: se a escola é de todos, se pertence a todos os alunos, cada um dos meninos é *responsável* por ela, assume a obrigação de cuidá-la, de zelar pela sua limpeza, pelo seu material, pela sua arrumação e beleza.

3.7) A *socialização* do aluno se faz ainda através dos jogos coletivos, dos trabalhos escolares realizados em grupo, do canto orfeônico, da instituição do jornal da escola ou do jornalzinho de classe.

3.8) Não se esqueça do “calendário dos aniversariantes do mês”, pregado na parede, e de comemorar em aula êses aniversários.

4) MINISTRAR EDUCAÇÃO INTEGRAL

4.1) O verdadeiro mestre primário não pode contentar-se em “dar o programa”, mas sim tem de cuidar da *educação integral* de seus alunos (ver cap. V).

4.2) Mais do que os “pontos” de Geografia ou Matemática que o menino possa aprender, valem as boas normas de conduta, as corretas atitudes morais e sociais que a escola desenvolva em seus alunos.

4.3) Saber agir corretamente na vida diária vale mais do que saber de cor 40 ilhas do Brasil.

4.4) Educar a criança significa cuidar mais da sua *formação* do que da *informação*, isto é, do conjunto das informações indicadas nos pontos do programa (vide cap. IV, §§ 19 a 22).

4.5) O bom mestre se preocupa com a educação intelectual (ou seja, com o ensino), mas também com a educação moral, física, social, artística, política e econômica, tanto quanto com a educação religiosa de seus alunos (cap. V, §§ 23 a 33).

4.6) A melhor oportunidade para educação moral e social é a hora do recreio. O bom mestre participa do recreio com seus alunos, merenda junto com eles, toma parte em seus jogos.

5) TER A PREOCUPAÇÃO DE FAZER "ESCOLA VIVA"

5.1) A escola precisa ser um lugar de vida, de vibração, de entusiasmo, para o que se faz mister a *participação* constante e intensa dos alunos em todos os aspectos da rotina escolar diária.

5.2) *Escola viva* é aquela onde os meninos tomam parte na aula, discutem (no bom sentido) com o mestre, realizam jogos didáticos, fazem desenhos e trabalhos manuais (vide cap. XV).

5.3) Escola viva é aquela em que as crianças sentem na professora uma amiga, conversam com ela, pedem-lhe conselhos, contam-lhe casos de sua vida.

5.4) Na *escola viva* a mestra não fica, na hora do recreio, retirada numa sala, conversando com as colegas, mas sim participa da recreação, toma parte nos jogos, brinca com as crianças.

5.5) Na *escola viva* a aula deixa de ser aquele ambiente silencioso de prisão ou de hospital, para se tornar a ocasião em que alunos e professores dialogam com interesse sobre o assunto em exame, ou trabalham animadamente no plano em execução.

6) ESCOLA DA ALEGRIA

6.1) Criança triste é criança doente do físico ou do espírito. O natural da criança é a alegria. Que deixem as tristezas para os adultos já desiludidos da vida.

6.2) Portanto, se a escola não é alegre está contrariando, violentando a natureza da criança (vide capítulo II, § 10).

6.3) A alegria torna o ambiente mais agradável, facilitando, em consequência, a aprendizagem dos alunos (lei hedônica de Thorndike).

6.4) A alegria tem importante papel na saúde: levanta o "tonus" vital e facilita as funções fisiológicas e psicológicas.

6.5) O ideal da Escola Viva é: *trabalhar com alegria*.

6.6) Isso não significa que professor e alunos devam estar rindo o tempo todo; a alegria brota do ensino agradável; das aulas vivas e atraentes; da atitude cordial do mestre; da ornamentação da sala de aula, com quadros e gravuras vistosos; da limpeza e arrumação da classe, e até da maneira como se veste e se apresenta a professora. A alegria nasce, acima de tudo, da vida interior harmônica, do ajustamento psicológico e social de cada um.

7) TORNAR AS AULAS INTERESSANTES E ATRAENTES

7.1) A aula não pode ser mais aquela monótona cantilena do professor, que fala sozinho durante 40

minutos seguidos, para crianças que ouvem, meio entediadas, meio distantes, torcendo para bater o sinal.

7.2) A aula precisa ser um vivo diálogo, provocado pelas perguntas do mestre e tornado mais interessante ainda pelo material que o professor trouxe (vide cap. XII).

7.3) Assim, a primeira parte da aula (exposição da matéria) deve ser substituída pelo diálogo, pelo estudo do material trazido, pelo exame de quadros, mapas e gravuras.

7.4) E a segunda parte da aula (fixação e verificação da aprendizagem) deve ser feita através de jogos didáticos, competições, trabalhos de equipe.

7.5) O trabalho individual (ditados, composições, problemas, questionários, provas) não deve ser suprimido, mas substancialmente diminuído, a fim de dar lugar às novas técnicas, acima citadas.

7.6) O mestre renovado desenvolve ao máximo o ensino *visual*, isto é, através de quadros, mapas, gravuras, figurinhas, cartões postais, etc. Sempre que possível, traz os próprios objetos, referentes ao assunto do dia, para a sala de aula, pois aí, além do ensino visual ainda haverá o ensino concreto.

7.7) Para dar maior interesse às aulas e maior integração ao ensino, deve o mestre transformar os conhecimentos determinados pelo Programa de Ensino em *vivências*, isto é, fazer os alunos *viverem* o que aprendem.

8) ENSINO PLANEJADO

8.1) Nenhum bom mestre ensina mais sem *plano de trabalho*, reunindo numa unidade harmônica vários assuntos correlatos, de Linguagem, Matemática, Ciên-

cias Sociais e Ciências Naturais, tudo em torno de um centro de interesse ou de uma *motivação atraente* (vide cap. VII).

8.2) Além de estabelecer seu *plano de trabalho* para um certo espaço de tempo (um mês, um trimestre, um semestre), o bom mestre tem o cuidado de preparar diariamente o trabalho do dia seguinte.

8.3) Cada dia, à tarde, ou à noite, tire uma hora do seu tempo para traçar o plano do dia seguinte. Você pode estabelecer ou não um "plano de aula" minucioso. Mas não pode deixar jamais de formular a si mesma estas perguntas:

- "Que é que eu vou dar amanhã?"
- "Que assuntos vou abordar?"
- "De que material me posso valer?"
- "Que trabalhos poderemos fazer em aula?"
- "Que jogo poderei aplicar amanhã?"

8.4) Separe de véspera o material para a aula de amanhã e veja se está tudo direito (livros, cadernos, pastas com gravuras e recortes de jornais, jogos didáticos, etc.).

8.5) Cada professora deve ter um "*Caderno de planos de trabalho*", ali registrando o que planejar e o que realizar (inclusive exercícios, jogos, etc.).

8.6) Mantenha um "*Caderno Circular*", onde cada dia um aluno diferente escreva algo do trabalho daquele dia.

9) DESENVOLVIMENTO DAS INSTITUIÇÕES SOCIAIS DA ESCOLA

9.1) As Instituições Escolares, ou Instituições Sociais da Escola, são parte integrante e inseparável

da Didática Moderna. Não é possível haver Escola Renovada sem vivas e dinâmicas Instituições (vide cap. XVI, §§ 103 a 119).

9.2) Tôda escola deve ter, pelo menos:

- a) Clube da Saúde,
- b) Centro Cívico,
- c) Clube Agrícola,
- d) Clube de Leitura,
- e) Clube dos Amigos da Natureza,
- f) Associação religiosa.
- g) Círculo de Pais e Clube de Mães,
- h) Caixa Escolar.

9.3) As Instituições devem ser organizadas pelos alunos e por êles dirigidas. O mestre exercerá função de orientação, mas discretamente, de forma não ostensiva (salvo, é claro, o item *g*).

9.4) As Instituições devem funcionar entrosadas com as matérias, com as aulas: o Clube de Leitura com a aula de Linguagem, o Centro Cívico com a aula de História, o Clube dos Amigos da Natureza com a aula de Ciências.

9.5) O processo de funcionamento dos Clubes será o mais simplificado possível, sem diretorias numerosas, livros de atas, reuniões formais, etc. É bastante talvez que um único Clube possua essas formalidades.

9.6) Cada Clube deverá ter um "cantinho" seu, nem que seja um armário, uma prateleira, ou um pedaço de parede para pregar seus trabalhos.

9.7) O Clube de Leitura poderá ficar responsável pelo "jornalzinho escolar", escrito pelos alunos, e também pelo "jornal mural", feito de recortes de jornais e revistas, pregados sôbre uma tábua, no corredor de entrada da escola.

10) PARTICIPAR DA VIDA DA COMUNIDADE

10.1) Se a escola deve ser uma "sociedade em miniatura", não pode viver alheia à vida da sociedade a que serve, isto é, da sua comunidade.

10.2) Os fatos históricos, cívicos, sociais e ltuosos da comunidade devem ser também assinalados na escola.

10.3) O mestre deve participar com simpatia dêsses acontecimentos, ou, conforme o caso, assumir a liderança dos mesmos, estimulando o povo a congregar-se.

10.4) A escola deve estar sempre pronta a *servir* aos vizinhos que a procurem, na medida de suas fôrças.

10.5) O professor precisa, na medida do possível, visitar as famílias de seus alunos e ajudá-las no que estiver a seu alcance.

10.6) Se possível, o mestre deve comparecer com os alunos incorporados à missa dos domingos, na matriz.

BIBLIOGRAFIA GERAL

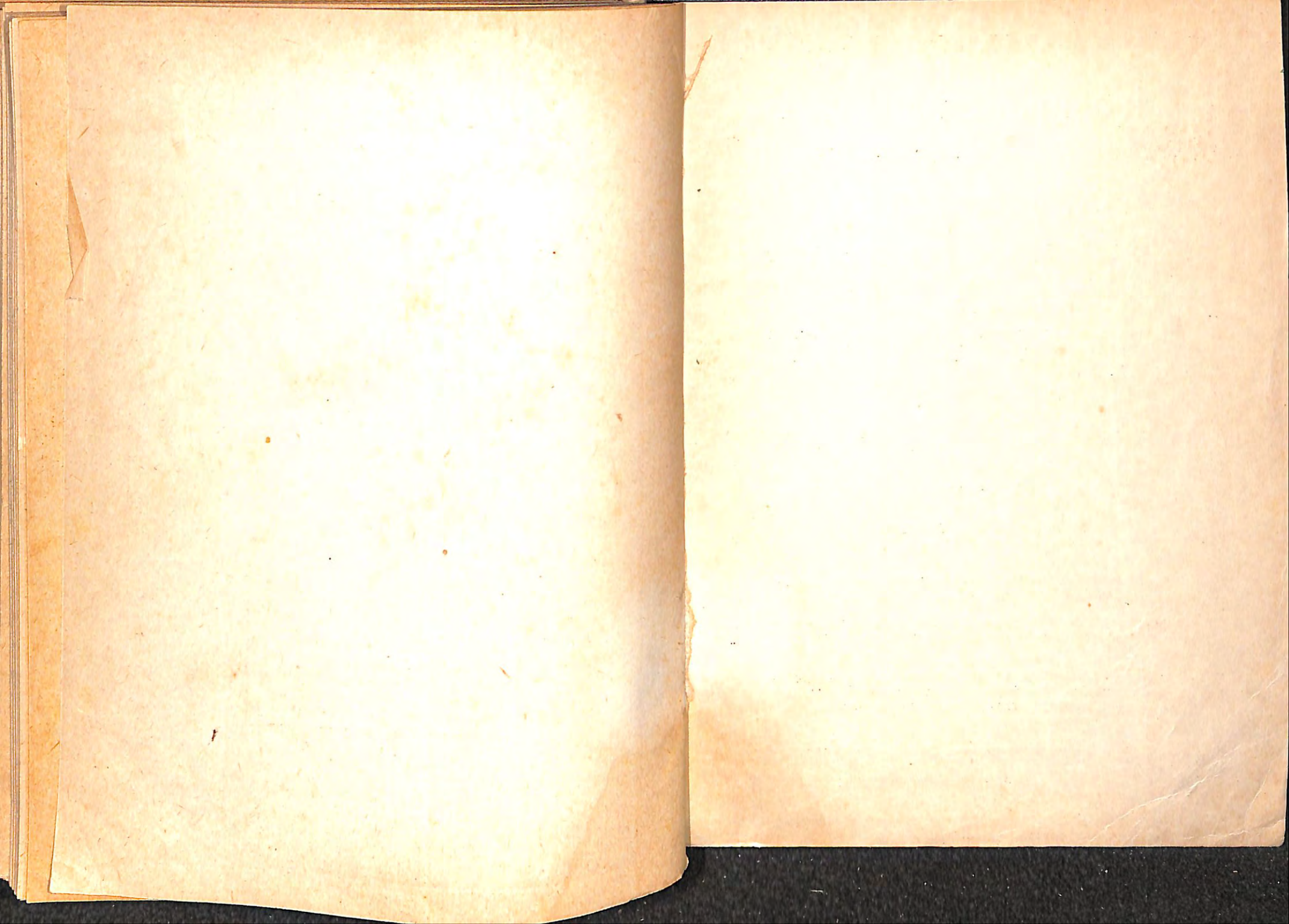
1. ADDAMS & TAYLOR — "An Introduction to Education and Teaching Process"; New York, 1932.
2. AGUAYO, A. M. — "Didática da Escola Nova"; Editôra Nacional; São Paulo, 1935.
3. AGUAYO, A. M. — "Pedagogia Científica"; Editôra Nacional; São Paulo, 1936.
4. ALPERA, Felix M. y otros — "Manual de Didáctica y Organización Escolar"; Editorial Losada; Buenos Aires, 1947.
5. AZEVEDO, Leodegário — "Planejamento didático"; Rio, 1953.
6. BAÉZ, Armas de — "Manual de Metodologia Práctica"; Havana, 1928.
7. BAGLEY, William C. — "The Educative Process"; The Macmillan Co; New York, 1944.
8. BARTH, Paul — "Pedagogia General"; trad. espanhola; Ediciones La Lectura; Madrid, s/d.
9. BASSI, Angel C. — "Princípios de Metodologia General"; Editorial Claridad; Buenos Aires, 1936.
10. BURTON, K. H. — "The Nature and Direction of Learning"; New York, 1929.
11. CALZETTI, H. — "Didáctica General"; Buenos Aires; sem data.
12. D'ÁVILA, Antonio — "Práticas Escolares"; 3 volumes; Editôra Saraiva & Cia.; São Paulo, 1951.
13. DAVIS, S. H. — "Teaching the Elementary Curriculum"; New York, 1931.
14. DEWEY, John — "Como pensamos"; tradução brasileira; Editôra Nacional; São Paulo, 1933.
15. DEWEY, John — "Experience and Education"; The MacMillan Co; New York, 1950.

16. DEWEY, John — "Democracia e Educação"; tradução brasileira; Editôra Nacional; São Paulo, 1936.
17. DEWEY, John — "El niño y el programa escolar"; Editorial Losada; Buenos Aires, 1939.
18. DEWEY, John — "Los fines, las materias y los métodos de educación"; Madrid, 1927.
19. DURKHEIM, Emile — "Educação e Sociologia"; tradução brasileira; Cia. Melhoramentos; São Paulo, sem data.
20. FERRIÈRE, Ad. — "La Practica de la Escuela Activa"; Madrid, 1928.
21. FREELAND, Georges — "Modern Elementary School Practice"; MacMillan; New York, 1926.
22. GARRISON, Noble L. — "The Technique and Administration of Teaching"; American Book Co; New York, 1933.
23. GATES, A. I. — "Psicologia para estudantes de Educação"; (2 volumes); Editôra Saraiva; São Paulo, 1939.
24. GONZALEZ, D. — "Didactica o Dirección del Aprendizaje"; Cultural S. A.; Havana, 1939.
25. KILPATRICK, W. H. — "Educação para uma Civilização em Mudança"; tradução brasileira; Cia. Melhoramentos; São Paulo, sem data.
26. MATOS, Luiz Alves de — "Sumário de Didática Geral"; Editôra Aurora; Rio, 1957.
27. MATOS, Luiz Alves de — "Os objetivos e o planejamento do ensino"; Editôra Aurora; Rio, 1957.
28. MEUMANN, Ernest — "Compendio de Pedagogia Experimental"; Barcelona, 1924.
29. MONROE, Walter S. — "Directing Learning in the High School"; Double Day Co; New York, 1927.
30. MORRISON, Henry — "The Practice of Teaching in the Secondary School"; University of Chicago Press; Chicago, 1931.

31. MOSSMAN, L. C. — "Teaching and Learning in the Elementary School"; Boston, 1929.
32. PORTER, Martha — "The Teacher in the New School"; World Book; New York, 1927.
33. QUEIROZ, Brisolva de Brito & Outros — "Prática do Ensino Primário"; Editôra Conquista; 5.ª edição; Rio, 1957.
34. RAMIREZ, Rafael — "Técnica de la Enseñanza"; México, 1945.
35. REED, Homer B. — "Psicologia de las materias de la Enseñanza Primaria"; México, 1942.
36. REISNER, Edward E. — "Historical Foundations of Modern Education"; The MacMillan Co; New York, 1938.
37. REZZANO, Clotide — "Didactica General y Especial"; Editorial Kapelusz; — Buenos Aires, 1938.
38. RUDE, Adolfo — "La escuela nueva y sus procedimientos didacticos"; Barcelona, 1937.
39. RUEDGER — "Vitalized Teaching"; Houghton Co; Boston, 1923.
40. RUGG, Harold — "The Child Centered School"; World Book Co; New York, 1938.
41. SCHMIEDER, A. J. — "Didactica general"; Madrid, 1932.
42. THOMAS, Frank W. — "Principles and Technique of Teaching"; Houghton Mifflin Co; New York, 1927.
43. THOMAS & LANG — "Principles of Modern Education"; Houghton Co; Boston, 1937.
44. THORNDIKE, Edward — "Modern Principles of Education"; MacMillan; New York, 1929.
45. YOAKAM & SIMPSON — "An Introduction to Teaching and Learning"; The MacMillan; New York, 1937.
46. WHITEHEAD, Alfred — "The Aims of Education"; William & Norgate; London, 1949.
47. "Guias Didacticas del Ministerio de Educación

- Inglés" — Ediciones de la "Revista de Pedagogia", Madrid, 1941.
48. "El Tesoro del Maestro", publicado sob a direção do professor Adolfo Rude, 4 volumes, Editorial Labor, Buenos Aires, 1950.
49. "Revista do Ensino" — Editôra Globo, posteriormente Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul; Direção de Maria de Lourdes Gastal — Pôrto Alegre.
50. "Revista "Elo", posteriormente "E. P."; direção de Nilson Lopes da Silva; R. Santa Luzia, 799 — 10.º and.; Rio.

Composto e impresso na
GRÁFICA EDITORA AURORA, LTDA.
Rua Vinte de Abril, 16
RIO DE JANEIRO - Guanabara.



Psicologia Educacional

PROF. AMARAL FONTOURA

(Biblioteca Didática Brasileira
Série I — A Escola Viva — Vol. 5.º)

Elaborado para servir especificamente ao currículo das faculdades de filosofia, institutos de educação e escolas normais, **Psicologia Educacional** é um utilíssimo, se não indispensável, livro a todos os que se interessam, direta ou indiretamente, pelos assuntos educacionais.

Obedecendo a rigorosa sistematização, a matéria é apresentada com aquela segurança e clareza de exposição que faz, das obras do autor, o meio fácil de ensinar as cousas mais difíceis.

Didática Especial da 1.ª Série

PROF. AMARAL FONTOURA

(Biblioteca Didática Brasileira
Série I — A Escola Viva — Vol. 6.º)

Da orientação segura e correta adotada na 1.ª série pende o êxito de todo o currículo da escola primária.

Mister se faz, pois, que se dê especial atenção a mais delicada fase do processo educativo na escola mária.

Didática Especial da 1.ª Série é um livro que mostra o que a professora deve fazer e como deve agir para orientar os primeiros passos da criança na escola.

Preço deste volume: Cr\$ 200,00